



CLÁSSICOS DA GALIZA





Cantos Lusófonos





Coleção "Clássicos da Galiza"

Volume 3

CANTOS LUSÓFONOS

© Academia Galega da Língua Portuguesa

www.aglp.net

© Edições da Galiza, 2011

Roselló, 42

08172 Sant Cugat del Vallès (Barcelona)

polifona@polifona.com

www.polifona.com

Desenhos: María Manuela Díaz Orjais

Coordenação editorial: Heitor Rodal Lopes (Edições da Galiza) e Ernesto Vázquez Souza (AGLP)

Adaptação e revisão textual: José Luís do Pico Orjais

Correção textual: Carlos Durão e Fernando Vázquez Corredoira.

Design da Coleção e Diagramação: Noemí P. Arenilla

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

d-l

isbn 978-84-936481-4-5

A tradução do original recebeu uma ajuda da Conselharia de Cultura, Direção Geral de Difusão Cultural da Junta da Galiza, correspondente à convocatória de ajudas do ano 2010.

Cantos Lusófonos

Cancioneiro Popular

Escolha e Adaptação

José Luís do Pico Orjais



ÍNDICE

PRÓLOGOS	11
O CANTOS LUSÓFONOS	19
— O REPERTÓRIO MUSICAL	23
— OS TEXTOS	24
— AS HARMONIAS	25
 CANTOS LUSÓFONOS:	 29
— TABELAS	33
— CANCIONEIRO E PARTITURAS:	39
1 ROSA TIRANA	40
2 CANTO DO VALE DE VIVEIRO	42
3 SE SENTES TOCAR A MORTO	44
4 ADEUS	46
5 MONTE REI ESTÁ NUM ALTO	48
6 FIA MINHA ROCA...	50
7 NÃO TE NAMORES MENINA	52
8 O AMOR DA COSTUREIRA	54
9 OS QUE VÊM DE CASTELA	56
10 NENA QUE GUARDAS O GADO	58
11 Ó SOLIDÃO	60
12 CARRINHO QUE QUANDO CANTAS	62
13 O CEGO	64
14 O CONDE CEGO	66
15 ALVAS-NEVES	68
16 BERNALDINO E SABELINHA	70
17 JÃO GUINDÃO	72
18 A TECEDERA	76
19 A LAVANDEIRA	84
20 ESTANDO DONA FILOMENA	86
21 VAMOS INDO, VAMOS INDO	88
22 Ó MENINO, Ó	90



23	SONIM VAI	92
24	PASSARINHOS QUE VOAIS...	94
25	JOSEZITO	96
26	MESTRE ANDRÉ	98
27	OS ESCRAVOS DE JÓ	100
28	CARANGUEJO	102
29	EU TENHO UM CÃOZINHO	104
30	Ó PEÃO!	108
31	FUI-TE VER ESTAVAS LAVANDO	110
32	Ó MINHA AMORA MADURA	112
33	NÃO QUERO QUE VÁS À MONDA	114
34	CORO DAS MAÇADEIRAS	116
35	ALECRIM	118
36	CARRO AMERICANO	120
37	Ó AI, Ó LINDA!	122
38	FERREIRINHO	124
39	DOM SOLIDÃO	126
40	CANTO DAS VINDIMAS	128
41	Ó MELIA	130
42	FANDANGO	132
43	VERDE GAIO	134
44	GALINHA QUE TANTO VALES	136
45	CHAMASTE-ME MORENINHA	140
46	AI DE MIM...	142
47	OLHA-ME MIGUEL	144
48	A CASTANHA NO OURIÇO	146
49	TOCADORA DO PANDEIRO	148
50	MENINA PENTEIA O TEU PELO	150
51	O PANDEIRO E MAIS AS CONCHAS	152
52	EU CASEI-ME POR UM ANO	154

53	SE QUERES O DESAFIO	156
54	A SAIA DA CAROLINA	158
55	CANTO DA AROUSA	162
56	PELO FERROLHO DA PORTA	164
57	MANEIO	166
58	MEU AMOR NA CAMA	168
59	ESTES MOÇOS DE AGORA	170
60	MARINHEIRO	172
61	NÓS ATRÁS DAS MOÇAS	176
62	RAPAZES, MENINOS	178
63	Ó TERESA	180
64	PANDEIRADA DE TELHA	182
65	PANDEIRADA DE PENALVA	184
66	CANTIGA Nº II	186
67	SANTA MARIA, STRELA DO DIA	188
68	FALAI, MINHA AMOR	190
69	MELANCOLIA	192
70	LONGE DA TERRINHA	194

TABELA CANCIONEIRO	200
ÍNDICE POR PAÍSES	203
BIBLIOGRAFIA	205
OUTRAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	209





A um passo da felicidade

Cantos Lusófonos é um trabalho necessário e urgente. Estamos num momento determinante para a sobrevivência da nossa língua e sabemos que cantando o nosso acervo rico e comum podemos ter esperanças fundadas nas mil primaveras mais que Cunqueiro alviscou.

Temos de cantar forte, com uma só voz, com a segurança de que não eclipsem a nossa voz, o cerne duma cultura que forçosamente terá de ter outros horizontes lá onde a fala nos une e nos abriga, um mundo a que pertencemos musicalmente também. Esse nosso património comum é o que recolhe de jeito magistral este ramalho de melodias nossas.

Esta perspetiva vai transformar a arte deste país, às vezes preso do medo e da insegurança e servirá para expressar e reivindicar a ultrapassagem urgente da fronteira existente, sobretudo em mentes menos propensas a esta simbiose lusófona, à ligação entre estas culturas irmãs.

Caminhamos com passo firme nesta aventura unindo as nossas vozes luso-galegas. José Luís do Pico sabe como fazê-lo porque a paixão com que compila e divulga já não vem de agora, e continua no empenho de ser fonte de inspiração para novos criadores e criadoras ou meros amadores ao canto e nos agasalha com este Cancioneiro que foge de aqueles que misturam os cantos da Tuna com os 'hits' do momento, estranhos ao nosso património e que não são de maneira nenhuma representativos do que é a nossa história musical.

Tanto desvirtuar o Cancioneiro Comum tinha por força que ter uma alternativa, um novo referente para a gente nova que queira conhecer este repertório de modo rigoroso e minucioso e, naturalmente, fiel às origens.

Esse berço comum nasce com os trovadores medievais que criaram mundos que hoje são completamente atuais porque têm uma temática universal. Cantigas fundamentais para que essas pontes não esmoreçam, para que os cervos e as fontanas frias não desapareçam do nosso imaginário comum. Cantos melancólicos, com certo ar de alalá, romances, cantos de berço, de roda e infantis, temas da lírica galaico-portuguesa, canções de concerto e de variados registos e estilos.



Ainda assim não é só um mero exercício didático e científico na procura destas origens. É um exercício de autoafirmação, de fé no nosso património musical comum que destila um único sentir e uma necessidade de prender-se à terra, as músicas que ainda estão vivas ou que agora são recuperadas, a uma Galiza mágica e mítica, que se correspondem com uma certa e determinada visão do mundo, uma cosmovisão lusófona.

Aqui está o músico e o investigador incansável, mas sobretudo descobrimos uma pessoa entregada e generosa que nos brinda estas joias para que as guardemos na memória e no papel.

E, o mais importante, para que as cantemos, para que sirvam para o convívio e a festa. Nada está perdido se ainda cantamos. Abraçamos com alegria e regozijo estas setenta peças tiradas de cancioneiros galegos, portugueses e brasileiros.

Como dizia o grande Heitor Villa-Lobos: “Um povo que sabe cantar está a um passo da felicidade; é preciso ensinar o mundo inteiro a cantar”. E eu digo com toda a convicção que um povo que cantou desde tempos imemoriais não pode perder um instrumento tão fundamental como a própria voz, o próprio canto, os nossos Cantos Lusófonos.

Obrigada mil vezes, amigo José Luís...

Uxía Senlle

~ *A música concede à poesia o valor do absoluto.*

Gonzalo Vázquez.

Um cancioneiro é um saco cheio de envelopes surpresa.

Um cancioneiro é uma arma-flor.

Um cancioneiro cria situações.

Um cancioneiro está cheio de grãos de cultura e sabedoria já pe-
neirados.

Um cancioneiro é geologia, estratos que nos alicerçam e este pano
geológico do José Luís está feito com o melhor lenço de linho e bordado
com mãos pacientes.

Consola. Músicas e letras da lusofonia, joias a esgalha que perdu-
ram no tempo.

Provas de amor e de grande generosidade.

Sabemos do poder da música para alcançar a coesão social e que
“os bons e generosos a nossa voz entendem”.

Sabemos da essência o do cordão umbilical que unem as beiras
beiras do rio Minho... águas passadas não movem moinhos; só as correntes
abrem caminhos, canta o Fausto.

Tenho aprendido parte destas canções nas numerosas moradas
do José Luís. Algumas destas canções estiveram no repertório do Cole-
tivo Arma-danças e foram o trilho musical quando Ramom Pinheiro, José
Luís e eu própria projetámos o Conservatório de Música Tradicional e Fol-
que de Lalim. Estas canções medraram com o próprio centro e com os
amigos que compartilharam aquela época connosco.

Nas moradas do José Luís conheci os valores e os sabores das
palavras cantadas adereçadas com viola. Também conheci a proximida-
de da voz, a poética dos espaços vocais onde a canção medra ou de-
cresce segundo as energias pessoais. Lá no microespaço, no pequeno,
é onde conheces a magia da música e a sua função curadora. A onda
expansiva que lembra o momento em que o protagonista de *Perfume* es-
palha o último aroma. Lá onde se sentem as respirações duns e doutros,
está o cantar próximo, isso que tem a ver com dar e receber AR.



Quanto AR colho e quanto dou! Quanta MÚSICA colho e quanta dou! Quanta VIDA colho e quanta dou! Por quê? E para quê?

É lá onde me faço perguntas-chave sobre a música popular para abrir respostas-quarto, sobre a filosofia musical, sobre o aplauso popular.

@ individu@ que cria música numa comunidade-território escuta a música de maneira NATURAL por tradição oral, é quem de assimilá-la, de interiorizá-la, de interpretá-la tal qual lhe chega. A geração galega que fazemos canções com raiz, rizomas, artérias ou capilares da terra fiamos melodias, letras, trocamos umas por outras fazendo exercícios memorísticos conscientes, inconscientes e improvisações várias, e mesmo há quem é capaz de interpretar ou reinterpretar-se possuída pelo cheiro do unto em cima da cozinha Hergom (a evocação pangalaica de Proust) recordando quando a mãe cantava uma quadra. Quer dizer, revivendo uma sensação real, mostrando uma percepção original sobre a realidade.

Cantar é estar presente no próprio presente, isto é, existir, permanecer no espaço íntimo, já que o canto é um tacho cheio de sentimentos.

A música não entra no ciclo vital, nem é verdadeira, nem falsa, nem pura ou impura. É mistura natural; é híbrido; é o inautêntico.

A música não inova (palavra muito empregada no marketing dos discos, também dos galegos). Para isso é preciso de certa inocência, e se calhar, da espontaneidade inventiva que não propõe nem demonstra nada. O original não implica a intenção expressa de inovar. O original não quer dizer; ele é. Quem predica quer convencer e é por isso mesmo suspeito. Sim, contradizemos o que pomos em causa, digo na Jota para F. Sinatra. A música popular não rejeita nada, é esponja que absorve e modela as formas no tempo. A música lusófona é um microchip minúsculo, latente e vivo. A música lusófona não sabe que gosta e se emociona imensamente consigo mesma, assusta-se de tanto amor como se tem. A música lusófona é um ADN, um Santo Graal, um dinossauro vivo tem

mil hipóteses, muitas perspectivas, mais voltas e reviravoltas. Porém, isto só será visível para quem quiser ver com os 5 sentidos + um...

Nas mãos tem você um cancionário que lhe pode adoçar um instante de vida, o do meu amigo José Luís do Pico Orjais.

Ugia Pedreira



María Manuela





O Cantos Lusófonos

~ *A Dália, de seus pais.*

O Cantos Lusófonos é o meu terceiro livro, e ainda por cima, o meu terceiro cancioneiro, embora seja um trabalho totalmente diferente ao que tinha feito até agora. Os meus livros anteriores foram o fruto de anos de investigação, horas e mais horas em arquivos, bibliotecas, fontes documentais de todo tipo, para que cada palavra que eu escrevera tivesse um sustento científico inapelável. Se o Cantos Lusófonos possui algum valor, este será o de nascer sem ataduras, com vocação de que as suas melodias me definam não tanto como músico ou investigador, quanto como pessoa. Tirar o espartilho da erudição fez com que o resultado final seja uma obra singular, difícil de explicar e compreender sem entrarmos em questões tão pessoais como o porquê desta coletânea e não qualquer outra, o porquê das mudanças introduzidas nas melodias ou nas letras ou a razão dumas harmonias tão singelas e até tão pouco ortodoxas. Simplesmente porque quis que este fosse o resultado final. O meu compromisso com a língua do meu país, que é a da lusofonia, impôs uma escolha ortográfica; os meus valores estéticos, umas melodias que acho especialmente formosas; a minha ética pessoal desestimou letras com conteúdos vexatórios, principalmente por sexistas; o meu rol de docente, procurou uma harmonia doada que facilitasse o canto.

Na realidade, este livro que agora você tem nas mãos, só precisaria dum título e das cento e cinquenta páginas de textos e partituras, mais alguém que o abra e experimente a tocar e cantar as pecinhas. Sobra demasiada literatura de prospecto, instruções de uso, dissertações sobre âmbitos e modos, filosofia hidráulica sobre fontes documentais e referências bibliográficas. É por isso que só vou dar umas notas, mínimas, sobre os critérios de edição, alguns índices e pouco mais, pois quem deve fazer uso agora da palavra são os cantores e cantoras da lusofonia.

José Luís do Pico Orjais



Gostaria de expressar o meu agradecimento
às seguintes pessoas e entidades:

A Xurxo Varela Díaz, Isabel Rei Sanmartim, Ugia Pedreira, Uxía Senlle e
María Manuela Díaz Orjales, pela sua colaboração com este projeto.

Aos músicos,
companheiros meus durante anos, dos grupos musicais de
María Manuela, Leixaprén e os Arma Danças.

A Ernesto Vázquez Sousa, Heitor Rodal, Carlos Durão,
Fernando Vázquez Corredoira, Noemí Pérez Arenilla e
à Academia Galega da Língua Portuguesa.

Às crianças do C.E.P. Xosé María Brea Segade de Taragonha, Rianjo,
por ter sido as vozes com que experimentei o
bem que soam muitas das cantigas deste cancioneiro.

A meu pai,
que me ensinou que cantando se pode namorar uma mulher,
e à minha mãe,
que sempre quis que fora cantor.

A Teresa e Dália,
a prova de que meu pai levava razão.



O REPERTÓRIO MUSICAL

Cantos lusófonos são setenta peças tiradas de cancioneiros galegos, portugueses e brasileiros. Deixo para mais adiante aprofundar outros territórios de língua portuguesa, com que fico comprometido para futuras publicações. A razão de que procurasse os materiais nestes velhos cancioneiros é dupla. Por um lado, é no âmbito da historiografia musical em que tenho trabalhado a maior parte da minha carreira como investigador. Tenho lido uma e outra vez as melodias dos principais cancioneiros, criando na minha memória musical um bom stock de canções tradicionais postas em papel por Casto Sampedro, Lopes-Graça ou Veríssimo de Melo. Era hora de vê-las todas à junta.

Também, considere que numa coleção chamada *Clássicos da Galiza*, devíamos colocar materiais tirados de publicações históricas ou com a assinatura de pessoas com certa relevância. Em qualquer caso, acho que todas as antigas aqui apresentadas merecem converter-se, a que não o seja já, em clássicos da nossa música popular, e até em padrões para os músicos profissionais.

Os cantos aparecem baralhados sem nenhum critério de partida. As peças foram-me vindo à memória e passando ao programa de edição sem filtrá-las por país, tempo de compasso, modo, etc. Sou cónscio de que há muitos menos exemplos brasileiros que galegos ou portugueses, mas é que na minha cabeça ocorre o mesmo. Do Brasil conservo muita música popular, mas quase que toda de autor.

Contudo, terminei por fazer um pequeno agrupamento de melodias por blocos, não com critérios taxonómicos, senão antes colocando o repertório tal e como eu gostaria de tocá-lo. O primeiro grupo, do número 1 ao 12, estaria formado por cantos melancólicos, com certo ar de alalá, para continuar do 13 ao 21 com romances, do 22 ao 24 cantos de berço, do 25 ao 30 cantos de roda e infantis e do 31 ao 65 um grupo ao que poderíamos definir como de cantos vários. Por último, da 65 ao 70, dois temas da lírica galaico-portuguesa, um vilhancico português de Milán e as duas canções de concerto dos autores galegos João Montes e Lens Viera.



O TEXTO

A edição do texto literário segue as seguintes premissas básicas.

Todos os textos foram atualizados segundo a ortografia unificada do “Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa”.

A vocação deste documento é a de servir de texto comum para todos os povos e países da lusofonia, pelo que evitei quanto pude formas dialetais ou localismos, substituindo estas pelas formas mais padronizadas. Assim, o pronome átono galego «che» foi transcrito como «te», tendo em conta que nada impede as diferentes realizações fonéticas. Também não respeitei os diversos estilos ao transcrever os textos, como por exemplo, o fonético de Gonçalo Sampaio no *Cancioneiro Minhoto*.

Quando no pentagrama aparecem as palavras «para» ou «com+o», podem precisar de ser pronunciadas como «pra» ou «co». Isto vai resultar evidente pois duas sílabas tais como «pa-ra» ocuparam o espaço de, por exemplo, uma semínima.

No caso de castelhanismos, estes foram eliminados e substituídos por formas legítimas. Só se mantiveram aqueles cuja eliminação faria impossível a rima.

Usamos () para indicar o acrescentamento dum ou vários fonemas a uma palavra e que são necessários para a correta interpretação da partitura. Casos de prótese, epêntese ou paragoge.

Usamos [] para completar uma palavra a que lhe foi suprimido algum fonema e que se fosse acrescentado dificultaria a interpretação da partitura. Casos de aférese, síncope ou apócope.

AS HARMONIAS

Todas as melodias dos Cantos lusófonos vão acompanhadas dum simples cifrado para guitarra, quase que todos da minha criação. Só uns poucos exemplos contavam com uma harmonia original que com pequenas variações foram levadas ao cifrado. Estes temas são os seguintes (ver bibliografia):

- nº 28, *Caranguejo*, do cancionero de Veríssimo de Melo, baseada na harmonização de Alessandro Valente para <http://www.jangadabrasil.com.br/index.asp>
- nº 68, *Falai minha amor*, de Luys Milán, baseada na transcrição feita por Jesús Bal y Gay.
- nº 69, *Melancolia*, de Enrique Lens Viera, da edição de Canuto Berea.
- nº 70, *Longe da Terrinha*, de João Montes, da edição de José López Calo.

Para que o repertório de acordes não fosse extenso as harmonias foram construídas em base ao acorde de D ou Dm. As posturas que sugiro na tabela procuram ser as mais doadas para cada acorde, dedilhadas, de se possível, nos três primeiros trastes (primeira posição). Alguns acordes, nomeadamente os diminutos, podendo ter uma mesma dedilhação e serem denominados de forma diversa, segundo a função do acorde na harmonia ou a armadura da peça. Nestes casos preferi chamar a estes acordes dum único modo, entendendo que facilita as coisas aos pouco especialistas na guitarra.

Agradeço imenso as sugestões sobre as harmonias à guitarrista e professora de conservatório Isabel Rei e ao violagambista Xurxo Varela, que além de grandes profissionais demonstraram mais uma vez ser grandes amigos.



CANCIONEIRO POPULAR

f



≈ CANTOS LUSÓFONOS ≈



~ Vou já cantar as cantigas,
para que fui convidado.
Não quero que ninguém diga
que canto mal e rogado.

Quadra popular alentejana.



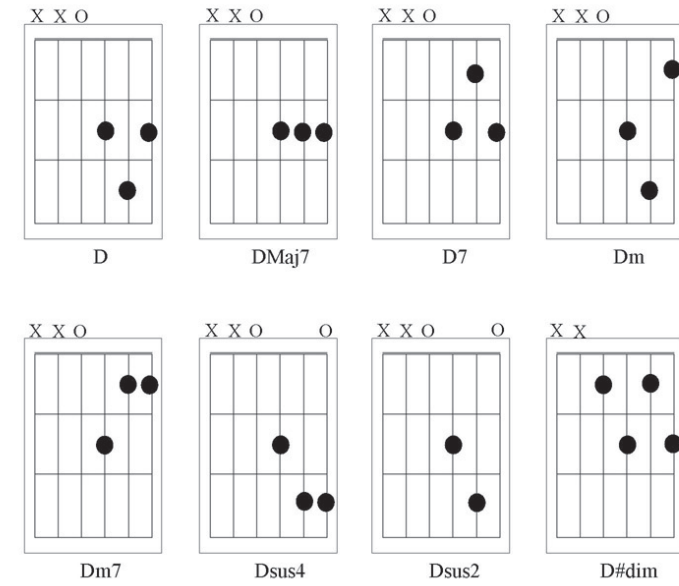


TABELAS

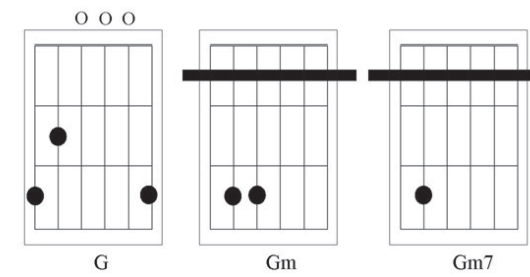




D

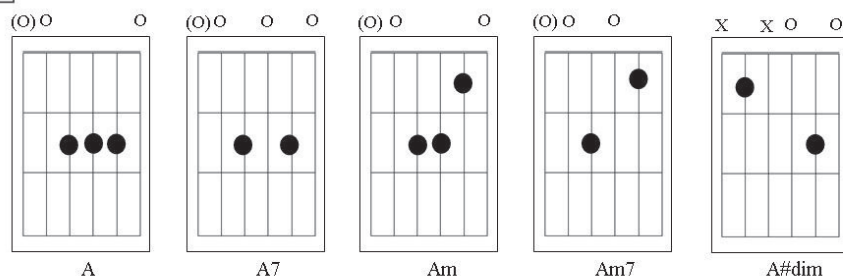


G

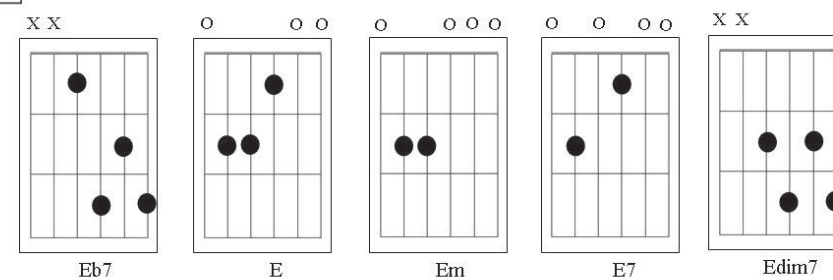




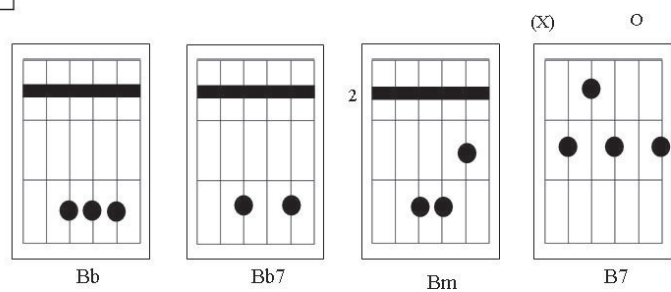
A



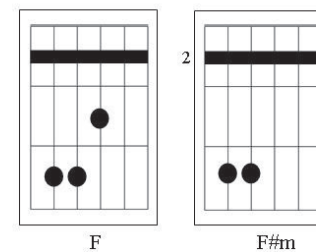
E



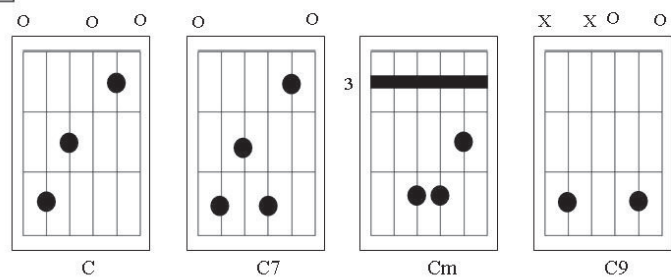
B



F



C





CANCIONEIRO E PARTITURAS





1. ROSA TIRANA

GS p.47

Origem: Pt.

Ó vida da minha vida
ó Rosa, tirana;
adeusinho regalar(e),
traileró! laró! laró!
Anda para a minha beira
ó Rosa, tirana;
que eu vou para o teu lugar(e),
traileró! laró! laró!.

GS

$\text{♩} = 80$

Dm

Ó vi - da da mi - nha vi - da ó Ro - sa, ti -
an - da pa - ra a mi - nha bei - ra ó Ro - sa, ti -

3 Gm C Gm Dm

ra - na; a - deu - si - nho re - ga - la - r(e) Trai - la -
ra - na; que eu vou par - ra o teu lu - ga - r(e).

5 F A7 Dm

ró! la - ró! la - ró!



2. CANTO DO VALE DE VIVEIRO

CI p.127 nº XXVI

Origem: Gz.

Queridinha doem-me os olhos,
reza-lhe a Santa Luzia
que tos cerre pela noite,
e tos abra pelo dia.

Hei-to de dar, que to tenho
que to tenho bem guardado,
nena quando fores minha
o cravinho encarnado.

CI

Dm

Que - ri - di - nha do-em - me os o - lhos,

4 Bb F Am Gm

re - za - lhe a San - ta Lu - zi - - - a

7 C Gm Am Gm

que tos ce - rre pe - la noi - te, e

10 A7 Dm

tos a - bra pe - lo di - - - a.



3. SE SENTES TOCAR A MORTO

CS p.50 n.º231

Origem: *Melias, Ourense, Gz.*

Se sentes tocar a morto
não perguntes quem morreu;
estando de ti ausente
quem seria se não eu?

Lento

Se — sen - tes to - car a mor - to — não per -

5 Dm *ten.* Gm *ten.* A7 *a tpo.*

gun - - - tes quem mo - rreu; — es - - -

9 Dm A7 Dm E dim7 A7

tan - do de ti au - - sen - te quem — se -

13 Gm Bb7 A

ri - - - a se — não eu?



4. ADEUS...

UF p.34

Origem: Gz.

Adeus, adeus que me embarco
na primeira embarcação,
levo-te minha mãezinha
para sempre no coração.

UF

Lento

A - deus, a - deus que me em - bar - co na pri -
mei - ra em - bar - ca - ção, le - vo -
te mi - nha mãe - zi - nha
para sem - pre no co - ra - ção. Ai la
le - lo, ai la le - lo,
ai la le - lo, ai la la - la.



5. MONTE REI ESTÁ NUM ALTO

BGa p. 46 n° 99

Origem: Gz.

Monte Rei está num alto
e Verim está num baixo,
Nossa Senhora da Estrela
está num campinho raso.

Lento

Dm A7 Dm C B^b A7

Mon - te Rei es - tá num al - to e Ve - rim es - tá num bai - xo,

5 Gm Dm A7

No - ssa Se - ño - ra da Es - tre - la ai la la la la!
Ai le le lo ai le le lo ai la la la la

8 Dm Gm A7 Dm A7 Dm

es - tá num cam - pi - nho ra - so. la_____ lo Ai le
ai le le lo ai le

11 C B^b A Dm C Gm C A7

le lo ai le le lo ai la le lo ai la le_____ lo._____



6. FIA MINHA ROCA...

DSb p.79 nº32

Origem: Outes, Gz.

Fia minha roca, fia
que eu sou boa fiadora,
cada dia fio um fio,
cada mês uma maçorga*.

Atravessei o teu linho,
dava-me pela cintura,
não sei se é linho, se é erva
baganha não tem nenhuma.

Sabelinha tecedeira
tem o tear na Portela,
e o ar que vem da branha**
todo o fiado lhe quebra.

* Maçorga = Maçaroca.

** Dicionário Aulete. Lus. Antq. brenha: matagal.

DSb

$\text{♩} = 112$

Fi - a mi - nha ro - ca, fi - a, _____

que eu sou bo - a fi - a - do - ra, _____ ca - da

di - a fi - o um fi - o _____ ca - da

mês _____ u - - - ma ma - çor - ga. _____



7. NÃO TE NAMORES, MENINA

CS p.45 nº 211

Origem: Souto Maior, Ponte Vedra, Gz.

Não te namores, menina,
menina, não te namores,
não te namores menina
das palavrinhas dos homens.

CS

Não te na - mo - res, me - ni - na, me -
ni - na, não te na - mo - res, não mo - res, não
te na - mo - res me - ni - na
das pa - la - vri - - - - - has dos ho - - - - mens.



8. O AMOR DA COSTUREIRA

BGa p.42. nº85

Origem: Chantada, Gz.

O amor da costureira
era papel e molhou-se,
agora costureirinha
o teu amor acabou-se.

Chords: Dsus2, C9, Dsus2, Gm, A, A7, Dm, Dsus2, C9, F, Gm, Am, Dm, Am, Dm, Am, C, A7.

Lyrics:
O a - mor da cos - tu - rei - ra e - ra
pa - pel e mo - lhou - - - se,
a - go - ra, cos - tu - rei - ri - nha, o teu
a - mor a - ca - bou - - - - - se.
Ai la la la la la, ai la la la la la la,
ai la la la la la la. Ai la la la.

Nota: O fá do compasso nº 6 leva *b* no original.

9. OS QUE VÊM DE CASTELA

BGa p.71 nº174

Origem: Vilalva, Gz.

Os que vê[nhe]m* de Castela
e os que da Havana vão vindo,
vão-se guapos como sóis
e vê[nhe]m como chamiços.

3/4 time signature, key of B-flat major. The score consists of four staves of music with lyrics underneath. Chords are indicated above the notes: D m, A 7, G m, and D m.

Os que vê - [nhe]m de Cas - te - la e os
que da Ha - va - na vão vin - do,
vão - se gua - pos co - mo só - is e
vê - [nhe]m co - mo cha - mí - ços.

* Venhem: forma galega para vêm. Necessária na prosódia musical.



10. NENA QUE GUARDAS O GADO

BGa p.41 nº84

Origem: São Simão da Costa, Vilalva, Gz.

Nena que guardas o gado,
hás fechar bem o portelo,
que o meu bezerro ladrão
não te brinque no lameiro.

BGa

Ne - na que guar - das o ga - do, há - fe -

char bem o por - te - lo, que o meu

be - ze - rro la - drão - (e) não te

brin - que no la - mei - ro. Ai! la

la la la la.

Chords: Dm, C, Gm, A7, Dm, Am, Gm, Bb7, A7, Dm, A7.



11. Ó SOLIDÃO

CN v.I, p.125 nº 66

Origem: Porto, Pt.

Se fores ao cemitério,
ó! Solidão, solidão!
No dia do meu enterro,
ai, ai, ai, ai, ai, ai!
Pede à terra que não coma,
ó! Solidão, solidão!
As tranças do meu cabelo,
ai, ai, ai, ai, ai, ai!

Escreve com tua mão,
ó! Solidão, solidão!
sobre a minha sepultura:
ai, ai, ai, ai, ai, ai!
- «Aqui jaz quem sempre teve,
ó! Solidão, solidão!
muito amor, pouca ventura,
ai, ai, ai, ai, ai, ai!»

CN

Adagio

Se fo - res ao ce - mi - té - ri - o, ó! so - li - dão, so - li - dão! ____

no di - a do meu en - ter - ro, ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai! ____

pe - de a ter - ra que não co - ma, ó! so - li - dão, so - li - dão! ____

as tran - ças do meu ca - be - lo, ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai! ____



12. CARRINHO QUE QUANDO CANTAS

BGa p.44 nº90

Origem: Gz.

Carrinho, que quando cantas,
é quando levas mais peso,
muita carga levar deve
meu coração cantareiro.

BGa

Chords: Dm, Am, Gm, Dm, F, C, Am, Gm, C, F, A7, Dm, Am, Gm, A7, Dm.

Lyrics:
Ca - ri - nho, que quan - do can - tas, é quan -
do le - vas mais pe - so, mui - ta
car - ga le - var de - ve meu co -
ra - ção can - ta - re - i - ro. meu co -
ra - ção can - ta - re - i - ro. Ai la
la la ai la la la ai la la la ai la la.



13. O CEGO

Música: GS p.144

Letra: Reconstituída usando os textos de LG p.385 e Dorothe Schubarth T II p.20 nº2a, 2b

Origem: Póvoa de Lanhoso, Ponte da Barca, Pt.

- «Minha mãe acorde
do doce dormir(e),
venha ouvir o cego
cantar e pedir(e).»

- «Venha cá, ó mãe,
venha cá ouvir(e)
um cego tão lindo
que está a pedir(e).»

- «Se ele canta e pede
dá-lhe pão e vinho,
diz-lhe ao triste cego
que siga o caminho.»

- «Não quero seu pão
nem quero seu vinho,
quero que a Rosinha
me ensine o caminho.»

- «Colhe, ó Rosinha
a roca e o linho,
vai com o triste cego
mostrar-lhe o caminho.»

- «Espiei a roca
rematei o linho,
siga adiante, ó cego!
por esse caminho.»

- «Anda, ó Rosinha!
mais outro pouquinho,
sou curto de vista
não vejo o caminho.»

- «De condes e duques
m[e] eu vi pretendida,
dum ladrão dum cego
m[e] eu vejo vencida.»

- «Eu cego não sou
que eu ver bem te via,
sou o Conde Alberto
que te pretendia.»

- «Adeus minha casa
adeus meus quintais
adeus companheiras
para nunca mais.»

76

Dm Am7 C9

Mi - nha mãe a - - - cor - de

3 Dm Am7 C9

do do - ce dor - - - mi - r(e),

5 Dm F Am Gm A7 Dm

ve - nha ou - vir o ce - go can - tar e pe - di - r(e),

9 Dm F Am Gm A7 Dm

ve - nha ou - vir o ce - go can - tar e pe - di - r(e).



14. ABRE-ME A PORTA

DSc p.146 nº92

Origem: Serantes, Santiso, Gz.

- «Abre-me a porta,
cerre-me o postigo,
traz-me aqui um pano
que venho ferido.»

- «Se tu vens ferido
vem em boa hora,
que a minha portinha,
não se abre a esta hora.»

- «Erte⁴, Leonesa,
aí tens pão e vinho,
esmola ao cego
que anda o caminho.»

- «Não lhe quero pão
nem lhe quero vinho,
quero que Leonesa
me ensine o caminho.»

- «Erte, Leonesa,
colhe a roca e linho
e vai-te com o cego
ensinar-lhe o caminho.»

- «Adiante, cego,
a aquele verde pinho.
Adiante, nena,
mais um bocadinho.»

- «Sou curto de vista,
não vejo o caminho.
Adeus, minha casa,
adeus, gente minha!»

- «Má é minha mãe,
que bem o sabia.
De condes e duques
eu fui pretendida,
e agora dum cego
vejo-me rendida.»

- Cala, Leonesa,
cala prenda minha;
do filho dum conde,
tu ias rendida.
Deixa vir a gente
e a cavalaria.»

- «Baixa-te loureiro,
dá-me aqui um ramo,
para tornar-lhe as moscas
ao senhor meu amo.»

Musical notation for the song "Abre-me a porta". The notation is in 2/4 time and features two staves. The first staff contains the melody for the first line of the song, with chords Dm, Gm, C, and Am indicated above the notes. The second staff contains the melody for the second line, with chords F, Dm, C, Am, and Dm indicated above the notes. The lyrics are written below the notes.

A - bre - me a por - ta, ce - rra - me o pos - ti - go,
traz - me a - qui um pa - no que ve - nho fe - ri - do.

⁴ Erte: Forma contracta de ergue-te.



15. ALVAS-NEVES

DSc p.148 nº93

Origem: S. João de Lousame. Gz.

Alvas-Neves, Alvas-Neves,
a menina mais garrida,
foi pentear seus cabelos
à beira da fonte fria.
Por ali veio um soldado
por ali um soldado *veu**,
ele olhou-a com seus olhos
o coração lhe colheu.

Tirou da bolsa um espelho
à menina lho entregou:
- «Olhe-se a este espelho, nena,
nunca se noutro olhou.»
Alvas-Neves, Alvas-Neves,
a menina mais garrida,
colhe um menino no colo
que seu filho parecia.

Sentada à beira da fonte,
à beira da fonte fria,
desta maneira cantava,
desta maneira dizia:
- «Nenas, quando vos penteeis,
olhai-vos na água que corre,
que outro espelho não achareis
como a água da fonte.»

* Veio. Imprescindível veu pela rima.

DSc

Al - vas-Ne - ves, Al - vas-Ne - ves, a me-ni - na mais ga-rrí - da,
foi pen-te - ar seus ca-be - los à bei - ra da fon - te fri - a.
Por a - li veio um sol-da - do por a - li um sol - da - do *veu*,
ele o - lhou - a com seus o - lhos o co - ra - ção lhe co - lheu.



16. BERNALDINO E SABELINHA

CS p.37 nº169

Origem: Beade, Riba d'Ávia, Gz.

- «Pelo mundo me vou madre
pelo mundo a caminhar(e),
em busca de Bernaldino
que não o posso topar(e).»
E se foi de terra em terra
e de lugar em lugar(e).

Topou uma lavandeira
lavando num areal(e).

- «De Bernaldino, senhora,
que novas me podes dar(e)?»

- «Bernaldino, é da rainha
o pajezinho galão(e).»

Ao dizer estas palavras
Bernaldino a porta está(e),

- «Quem te trouxe aqui Sabela,
quem te trouxe a este lugar(e)?»

- «Teus amores Bernaldino
por aqui me fa[ze]m andar(e).»

Colheram-se pelo braço
puseram-se a passear(e).

Em quanto os vira a rainha
aos dois mandara matar(e).

A ela enterram-na no coro,
A ele enterram-no no altar(e).

Dela nasceu uma fonte.

E dele um verde olivar(e).

Tanto crescem um e o outro
que aos céus foram chegar(e).

Quando os ventos sopram mainos
os dois se querem falar(e)
quando os ventos sopram rijos
os dois se querem bicar(e).

Pe - lo mun - do me vou ma - dre____ pe - lo

mun - do a ca - - - mi - - - nha - r(e),____ em bus -

ca de Ber - - - nal - di - no____ que não

o po - sso____ to - - - pa - r(e).



17. JÃO GUINDÃO QUER-SE CASAR(E)

DSb p.156 nº102

Origem: Porto do Salgueiro, Sobrado, Gz.

Jão Guindão quer-se casar(e)
e não tem mulher buscada,
foi-lhe fazer o amor(e)
à filha da tia Joana.

- «Boas noites, tia Joana,
onde lhe vai a rapaza?
- Vai buscar o gás para a noite,
já me parece que tarda.»

A rapaza logo entrou(e)
pela porta para dentro.
- «Boas noites, Jão Guindão,
trago-te no pensamento.»

- «Sei que o diz[es] de brincadeira
mas eu digo-te de veras,
que já te há um tempinho
que estou quentando as canelas.

Ai, não sei quem to disse,
sei que foi Nosso Senhor(e),
eu queria-me casar(e)
venho-te fazer o amor.

Ai, Consolo, bem o sabes,
não temos com quem partir(e),
que riquezas não as temos
mas havemos de viver(e).

DSb

♩ = 100

Jão Guin - dão quer - se - ca - sa - r(e),
e não tem mu - lher bus - ca - da, foi - lhe
fa - zer o a - mo - r(e) à fi -
lha da ti - - - a Joa - - - na.



(...) 17. JÃO GUINDÃO QUER-SE CASAR(E)

Tenho uma cabra mui boa
e três ovelhas prenhas^{*}
e uma pintinha que põe
os ovinhos para as torradas.

A cabra é-te muito boa,
trouxe-me quatro cabritos,
entrementes que dois mamam
os outros andam a brincos.

Vendi-os por quatro pesos,
tenho-os guardados para a boda,
se queres diz-mo aginha,
não me faças mais chacota.»

- «Eu casar, bem me casava
mas eu hei-te de contar(e),
queria fazer uma saia
tenho-te a lá por fiar(e).

Tenho os sapatinhos rotos
e um pano todo furado;
se tens dinheiro compra-me um,
casaremos de contado^{**}.»

Fizeram-se as monições
ai, com o seu acostumado,
levou-lhas ao senhor cura
que lhas lesse de contado.

E o cura logo lhas leu
no ofertório da missa,
a gente que lhas ouviu
serviu-lhes todo de risa^{*}.

O cura chiscou-lhe o conto
com o riso dos fregueses,
que nunca tal se passara
nas montanhas dos lugueses.

Ela tomou-o de vergonha,
e afelhas^{**} ainda servia,
foram-se para se casar(e),
disse-lhe que não queria.

Jão Guindão ficou tão teso
como as vergas dum caniço,
foi-se por ali adiante
tão sequer adeus lhe disse.

E a madrinha e o padrinho
e o cura e o sacristão,
encheram o corpo de risos
com os contos de Jão Guindão.

^{*} Grávida in <http://www.estraviz.org/>
^{**} Em seguida.

^{*} Riso in http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital
^{**} Abofé, certamente in <http://www.estraviz.org/>



CS

18. A TECEDDEIRA

CS nº189, p.41

Origem: *Cerdado, Gz.*

Letra do CS

Nota: Esta letra está incompleta no original com a indicação « Suprimimos el resto, *pudoris causa*».

- «Uma aposta tenho feita
uma aposta hei de ganhar
de dormir com Laureana
antes do galo cantar.»
- «Não apostes tal, meu filho,
não o queiras apostar,
que Laureana é-te moça
que não se deixa enganar.»
- «Dê-me uma saia , mi madre,
que eu lhe saberei falar.»
Despiu-se os calções de homem,
vestiu saia verdeal,
coifa de linho à cabeça
pôs uma roca na cinta,
uma roca de fiar,
e à porta de Laureana
a modinho foi petar.
- «Ave Maria Puríssima
sem pecado original!»
- «Quem será essa senhora
que tão bem soube falar?»
- «Sou uma tecedeirinha
da raia de Portugal,
falta-me um pouco de lenço
venho a se mo pode dar.»

- «Esse lenço, tecedeira,
ainda está por dobar,
entre adentro, tecedeira,
que mui bem me há de ajudar.»

Allegretto

U - ma pos - ta te - nho fei - ta

u - ma a - pos - ta hei de ga - nhar

de dor - mir com Lau - re - a - na

an - tes do ga - lo can - tar.

an - tes do ga - lo can - tar.



Texto alternativo: Texto alternativo: ALMEIDA GARRET,
Visconde de 1901 3ª ed Romanceiro v. II
[Empresa da história de Portugal; Lisboa]
p.199-213

DOM CLAROS DE ALÉM-MAR

– «Quero fazer uma aposta,
ou eu não sei apostar:
Claralinda há-de ser minha
antes do galo cantar.»
– «Apostar, apostareis,
mas não haveis de ganhar;
que é discreta a Claralinda,
ninguém na pode enganhar.»
Não quis ali dizer nada,
não quis ali mais falar;
vestiu trajos de donzela
e se pôs a caminhar.
Lá estava a Claralinda
de seu balcão a mirar:
– «Que donzela tão bonita!
quem é e o que vem buscar?»
– «É a tecedeira, senhora,
que vem das praias do mar;
tem a sua teia urdida,
e a falta vem na buscar.»
– «Aí tenho a falta, donzela,
mas inda está por dobar.»
– «Senhora, que se faz tarde
e eu não posso esperar:
de noite pelos caminhos
donzelas não hão de andar.»

– «Para honra da donzela,
aqui hoje há-de poisar.»
– «Tendes criados tão moços,
tão atrevidos do olhar...»
– «Para honra da donzela
no meu quarto há-de ficar.»
A donzela, de contente,
à noite não quis cear;
tinha sono, tanto sono,
que se quis logo deitar.
Lá por essa noite adiante
Claralinda de gritar...
– «Cala-te, ó Claralinda,
não te queiras difamar,
que eu sou de nobre gente
e contigo hei-de casar:
fia-te nesta palavra
de Dom Claros de Além-mar.»
Passados são tantos dias,
tão compridos de esperar:
não voltou a tecedeira,
mas a teia ia a dobar
aos sete para oito meses
o pai à mesa a jantar:
– «Claralinda, Claralinda,
que feio é o teu trajar!»
– «Não diga tal, senhor pai,
ninguém lhe oiça tal falar:
não sou eu, é da vasquinha
que é mal feita e dá mau ar.»
Mandou chamar alfaiates
para se desenganar:
disseram uns para os outros:

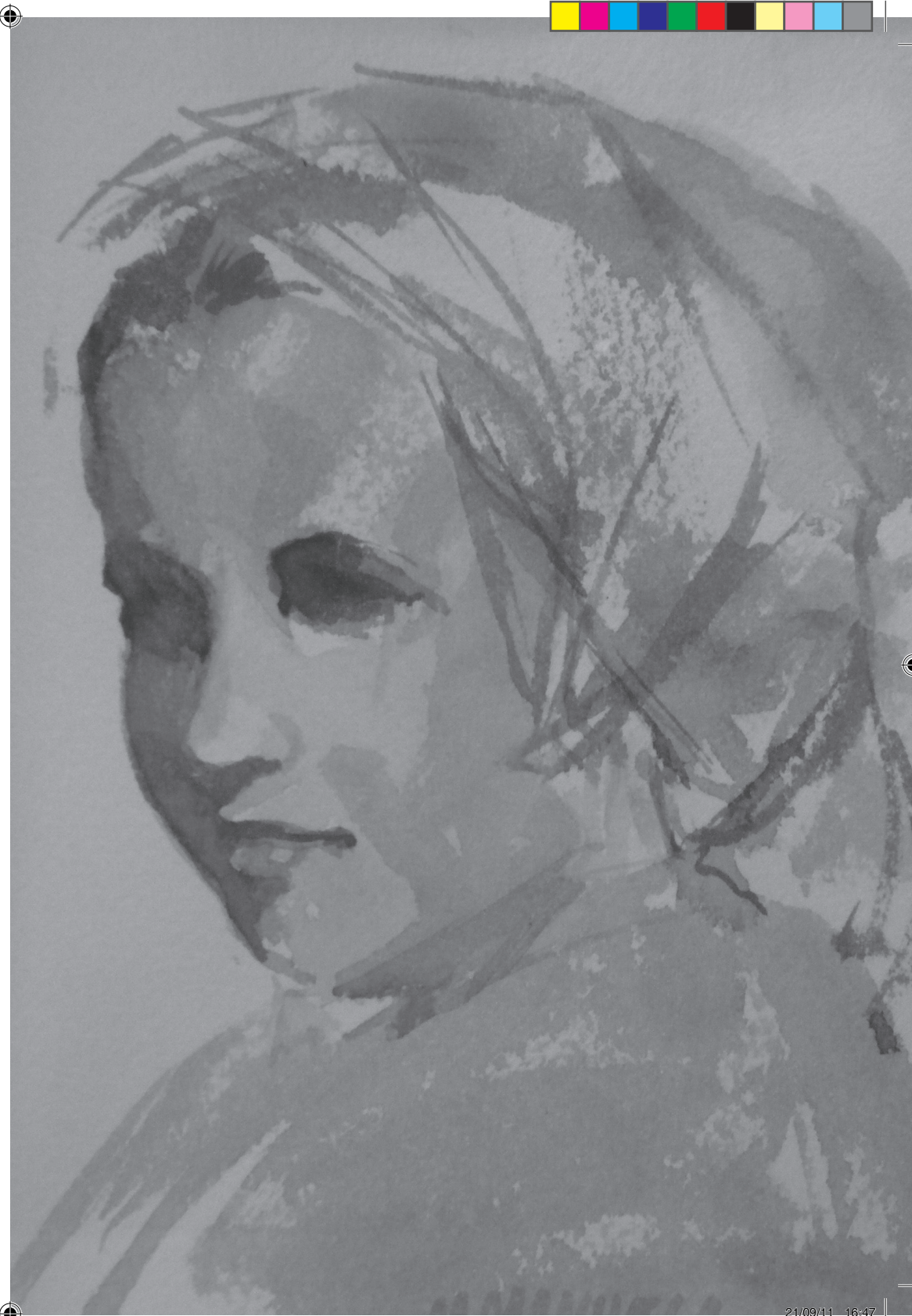


– «Não tem falta a saia tal.»
não há ali mais que dizer,
não há mais que perguntar:
– «Prepara-te, ó Claralinda,
que amanhã vais a queimar.»
– «Não se me dá que me matem,
que me levem a queimar,
dá-se-me deste meu ventre
que é de sangue real!...
haverá por aí um pajem
que o meu pão queira ganhar,
e que me leve esta carta
a Dom Claros de Além-mar?»
Aparece um pajenzito
discreto no seu falar:
– «Aqui está um mensageiro
que o recado quer levar.»
– «Se o meu pão queres comer,
a toda a pressa hás-de andar,
e entregarás esta carta
a Dom Claros de Além-mar.»
– «Que quereis, ó pajenzito,
que vîndes aqui buscar?»
– «Trago uma carta, senhor,
novas de muito pesar;
novas lhe trago, más.
Novas da sua amiga leal:
hoje se lhe ajunta a lenha,
amanhã vai a queimar.»
Ele pôs-se a ler a carta,
não a podia acabar;
as lágrimas eram tantas
que o faziam cegar:

– «Oh lá, oh lá, escudeiros,
os cavalos a ferrar;
jornada de quatro dias
esta noite se há-de andar.»
Chega a um convento de frades,
estava o sino a dobrar:
– «Por quem dobra o sino, padre,
por quem está a tocar?»
– «É a infanta Claralinda
que se está a agonizar:
Ontem juntaram-lhe a lenha,
hoje a levam a queimar.»
Era quase manhã clara,
mandou seus pajens deitar,
vestiu-se em trajos de frade,
foi ao caminho esperar:
– «Parem lá os da justiça,
justiça de mau pesar,
que a menina que aí levam
inda vai por confessar.»
Deixaram-no ao bom do frade
para a infanta confessar.
Mal se ele viu só com ela,
de amores lhe foi falar:
– «Venha cá, minha menina,
que a quero confessar;
no primeiro mandamento
um beijinho me há-de dar.»
– «Não permita Deus do céu
nem os santos do altar!
Onde Claros pôs a boca
não me há-de um frade beijar.»
– «Venha cá, minha menina,



que a quero confessar;
no segundo mandamento,
um abraço me há-de dar.»
– «Vai-te na má hora, frade,
que a mim não hás-de chegar;
que a mim nunca chegou homem,
se não – inda mal pesar!
senão só esse Dom Claros,
dom Claros o de Além-mar,
que, por meus grandes pecados,
por ele vou a queimar!»
Dom Claros que tal ouviu,
não pôde o riso ocultar.
– «Por esse riso que dais,
sois Dom Claros de Além-mar...»
– «Cala-te, ó Claralinda,
que te venho libertar;
já está tecida a teia,
vamo-la agora a curar.»
Tomou-a logo nos braços
puseram-se a caminhar:
estava perto o convento,
viram-nos os pajens chegar.
Chegavam, não chegariam...
a justiça de bradar.
– «Nas ancas de meu cavalo,
menina, haveis de montar.
assim foi livre a infanta
por Dom Claros de Além-mar.»





19. A LAVANDEIRA

CS nº 192, p.41

Origem: *Cerdado*, Gz.

Era uma noite de lua,
era uma noite clara,
eu passava pelo rio
da volta da moinhada.
Topei uma lavandeira
que lavava ao par da água.
Ela lavava no rio
e uma cantiga cantava:
- «Moça que vens do moinho
moça que vais pela estrada,
ajuda-me a retorcer
minha *sábana* lavada.»
- «Santa Maria te ajude
e São Lourenço te valha!»
Desaparece a lavandeira
Como fumeira espalhada,
Onde as *sábanas* tendera
Poça de sangue deixara.
Era uma noite de lua
Era uma noite clara.

CS

Allegretto

E - ra um - a noi - te de lu - a,
e - - - ra um - a noi - te cla - ra,
eu pas - sa - va pe - lo ri - o da_____
— vol - ta da mo - i - nha - da.

20. ESTANDO DONA FILOMENA

AC p.256

Letra: As duas últimas estrofes foram tiradas de LEITE DE VAS-
CONCELLOS, José 1986 *Romanceiro Português 2 vol*
(Universidade de Coimbra; Coimbra)

Origem: Tuizelo, Pt.

Estando Dona Filomena
sentada no seu balcão,
penteando o seu cabelo
com pente de ouro na mão.

Passou por ali um soldado,
logo lhe arrochou a mão.
- «Agora, agora, soldado,
tens agora ocasião!

Meu marido não está cá,
foi para os lados de Aragão.
Se não queres que ele volte cá,
deita-lhe uma maldição.»

- «Corvos lhe comam os olhos
e a raiz do coração.»
Estando com esta conversa,
seu marido à porta entrava.

- «Que tens, Dona Filomena,
estás tão sobressaltada?»
- «Tenho uma dor de dentes,
não me deixa fazer nada.»

- «De quem é aquele capote
que está ali dependurado?»
- «É para ti, meu marido,
que to deu o meu cunhado.»

- «De quem é aquele cavalo
que ainda agora ali rinchou?»
- «É do meu irmão mais novo
que para a tropa se marchou...»

- «De quem é aquele punhal
que está na cadeira de ouro?»
- «Mata-me aqui, meu marido,
que eu mesmo aqui já morro.»

- «Eu matar-te não te mato,
eu a morte não ta dou:
vou-te levar a teu pai,
tua mãe que te criou.»

$\text{♩} = 102$

D A7

Es-tan - do Do - na Fi - lo - me - na
pen - te - an - do o seu ca - be - lo

4 Em G

Es-tan - do Do - na Fi - - lo -
pen - - te - an - do o seu ca -

6 D D#dim Em

me - na sen - ta - da no seu bal - cão, _____
be - lo com pen - te de ou - ro na mão. _____

8 G A D D.C.

sen - ta - da no seu bal -
com pen - te de ou - ro na mão.



21. VAMOS INDO, VAMOS INDO

CS p.4 n.º20

Origem: Lugo, Gz.

Vamos indo, vamos indo
para o serviço do rei;
os ricos ficam na terra,
eu, como sou pobre, irei.

CS

Adagio

Va - mos in - do, va - mos in - do pa - ra o ser - vi - ço do rei; os ri -

6 Gm F B \flat F E \flat D7

cos fi - cam na te - rra, eu, co - mo sou po - bre, i - rei.



22. Ó, Ó, MENINO, Ó

Kurt Schindler, Folk music and Poetry from Spain and Portugal (1941) in LG p.281 nº72 Origem: Nozede de Cima (Trás-os-Montes), Pt.

Ó, ó, menino, ó,
teu pai foi ao eiró,
com uma vara de aguilhão,
para matar o perdigão.

Ó, ó, menino, ó,
teu pai foi ao eiró,
tua mãe à borboleta,
logo te vem dar a teta.

LG

Ó, me - ni - no, ó,
ó, ó, me - ni - no, ó, teu pai foi ao ei - ró, com u - ma
va - ra de a - gui - lhão para ma - tar o per - di - gão.
Ó, ó, ó, me - ni - no, ó, teu
pai foi ao ei - ró, tu - a
mãe à bor - bo - le - ta, lo - go te vem dar a
te - ta, lo - go te vem dar a te - ta.



23. SONIM VAI

BGa p.100 nº231

Origem: Fonsagrada, Gz.

*Sonim vai e sonim vem,
adormenta-me o meu neno;
adormentadim te vou,
adormentadim te quedo.*

BGa

Moderato

So - nim vai e so - nim vem, a - dor - men - ta - me o meu
ne - no; a - dor - men - ta - dim te vou,
a - dor - men - ta - dim te que - do.



24. PASSARINHOS QUE VOAIS

BGa p.102 n.º236

Origem: Gz.

Passarinhos que voais
pelas folhas dos loureiros,
deixai dormir o menino
que está no sono primeiro.

BGa

Pa - ssa - ri - nhos que vo - a - is pe - las

fo - lhas dos lou - rei - ros, pa - ssa - rei - ros, dei

xai dor - mir o me - ni - no que es -
la la la la la la la ai

tá no so - no pri - mei - ro. Ai
la la la la la la la.

25. JOSEZITO

CG p.36

Origem: Pt.

Josezito
já te tenho dito
que não é bonito
andar[e]s-me a enganar;
chora agora
Josezito chora
que me vou embora
para não mais voltar.

CG

Dm A7

Jo - se - zi - to já te te - nho di - to que não é bo -

³ E dim7 A7 Dm

ni - to an - dar[e]s - me a en - ga - nar.

⁵ E dim7 Gm

Cho - ra a - go - ra Jo - se - zi - to cho - ra que - me vou em -

⁸ A7 E dim7 Dm

bo - ra para não mais vol - tar.



26. MESTRE ANDRÉ

CG p.44

Origem: Pt.

Foi na loja do mestre André
que eu comprei um pifarito.
Tiro liro liro, um pifarito.

-Estribilho-

Ai olé, ai olé, foi na loja do mestre André.

Foi na loja do mestre André
que eu comprei um pianinho.
Plim, plim, plim um pianinho,
Tiro liro liro, um pifarito.

-Estribilho-

Foi na loja do mestre André
que eu comprei um tamborzinho.
Tum, tum, tum o tamborzinho,
Plim, plim, plim um pianinho,
Tiro liro liro, um pifarito.

-Estribilho-

Foi na loja do mestre André
que eu comprei uma rabequinha.
Chiribiribi uma rabequinha,
Tlim, tlim, tlim uma campainha,
Tum, tum, tum o tamborzinho,
Plim, plim, plim um pianinho,
Tiro liro liro, um pifarito.

-Estribilho-

CG

D A7 D

Foi na loja do Mes-tre An - dré que eu com - prei um pi - fa - ri - to.

5 A7 D

Ti - ro - li - ro li - ro um pi - fa - ri - to.

8 D7 G D A7 D

Ai o - lé, ai o - lé, foi na lo - ja do Mes - tre An - dré.

Foi na loja do mestre André
que eu comprei um rabecão.
Chiribiribão um rabecão,
Chiribiribi uma rabequinha,
Tlim, tlim, tlim uma campainha,
Tum, tum, tum o tamborzinho,
Plim, plim, plim um pianinho,
Tiro liro liro, um pifarito.

-Estribilho-



27. OS ESCRAVOS DE JÓ

http://pt.wikipedia.org/wiki/Escravos_de_Jó e versão Heitor Villalobos.

Origem: Br.

Os escravos de Jó,
jogavam caxangá*.
Tira, bota, deixa o Zé Pereira ficar.
Guerreiros com guerreiros
fazem zigue zigue zá.

Trad. Brasil

Os es - cra - vos de Jó, jo - ga - vam ca - xan - gá. Os es - gá.

Ti - ra, bo - ta, dei - xa ao Zé Pe - rei - ra fi - car. Guer -

rei - ros com guer - rei - ros fa - zem zi - gue zi - gue zá. zá.

* Caxangá pudera ser uma espécie de crustáceo da família dos portunídeos.



28. CARANGUEJO

VM nº10

Origem: Br.

Caranguejo não é peixe,
caranguejo peixe é.
Caranguejo só é peixe
na enchente da maré.

Ora palma, palma, palma,
ora pé, pé, pé,
ora roda, roda, roda,
caranguejo peixe é.

VM

Ca - ran - gue - jo não é pei - xe, ca - ran -
pal - ma, pal - ma, pal - ma, o - ra

gue - jo pei - xe é; ca - ran - geu - jo só é pei - xe na en -
pé, — pé, — pé; o - ra ro - da ro - da ro - da ca - ran -

chen - te da ma - ré. O - ra

gue - jo pei - xe é.



29. EU TENHO UM CÃOZINHO

COu p.77

Origem: Oroso, Avião, Gz.

Eu tenho um cãozinho
e você tem dois;
e o mais pequeninho
já me guarda os bois.

Eu tenho um cãozinho
e você tem dois;
adeus meu amor
um dia depois.

Eu tenho um cãozinho
e você tem três;
e o mais pequeninho
já me guarda a rês.

Eu tenho um cãozinho
e você tem quatro;
a cara do cão
é o seu retrato.

Se o meu retrato
é a cara do cão;
parece-se a ti
será teu irmão.

COu

D

Eu te - nho um cão - zi - nho

3 D#dim Em A7

e vo - cê tem dois; c o

6 Em A7

mais pe - - que - - ni - nho já

8 A#dim Bm A7 D.C.

me guar - da os bois.





Texto alternativo: LEITE DE VASCONCELOS,
José 1975 *Cancioneiro popular português* v. I
[Univ. de Coimbra; Coimbra]
pag. 132

Eu tenho um cãozinho
e você tem dois,
adeus, amorzinho,
até o depois.

Eu tenho um cãozinho
e você tem três;
adeus, amorzinho,
até outra vez.

Eu tenho um cãozinho
e você tem quatro;
adeus, amorzinho,
coração, ingrato.

Eu tenho um cãozinho
e você tem cinco;
adeus, amorzinho,
por quem muito sinto!

Eu tenho um caozinho
e você tem seis,
adeus, amorzinho,
olhos, não choreis!





30. Ó PEÃO!

MG nº116, p.154

Origem: S. Simão de Novais/ Vila Nova de Famalicão, Braga, Pt.

Tomem nota meus senhores,
Ó peão!
A água vem de carrinho,
Ó peão dançar, ó peão bailar,
ó peão de Aveiro, o peão de Ovar.?
Leve o diabo paixões,
Ó peão!
Venham garrafas de vinho.
Ó peão dançar, ó peão bailar,
ó peão de Aveiro, o peão de Ovar.

Quem quiser que eu cante bem,
Ó peão!
Dê-me uma pinga de vinho,
Ó peão dançar, ó peão bailar,
ó peão de Aveiro, o peão de Ovar.
O vinho é coisa boa,
Ó peão!
Faz o cantar mais fininho.
Ó peão dançar, ó peão bailar,
ó peão de Aveiro, o peão de Ovar.

MG

1 D Em
To - mem no - ta meus se - nhores, Ó pe -
Le - ve o di - a - bo pai - xões,
2 A7 D A7
a á - gua vem de car - ri - nho, Ó pe - ão dan -
ão! ve - nham gar - ra - fas de vi - nho,
4 Em A7 D
çar, ó pe - ão bai - lar, ó pe - ão de A -
6 Em A7 D
vei - ro, ó pe - ão de O - var.



31. FUI-TE VER, ESTAVAS LAVANDO

LG p.258

Origem: Alentejo, Pt.

Fui-te ver, [e]stavas lavando
no rio sem (as)sabão,
lavas em águas de rosas,
fica-te o cheiro na mão.

Fica-te o cheiro na mão
fica-te o cheiro no fato,
se eu morrer e tu ficares,
adora-me o meu retrato.

Adora-me o meu retrato,
adora o meu coração,
fui-te ver, [e]stavas lavando
no rio sem (as)sabão.

LG

Dolente D F#m

Fui - te ver, [es]ta - vas la - van - do, fui - te

3 D7 G

ver, [es]ta - vas la - van - do, no ri -

5 E7 A7 G

o sem (as) - sa - bão, la - vas

8 A7 D F#

em á - guas de ro - - - sas, la - - - vas

10 Bm Em A7 D

em á - guas de ro - sas, fi - ca - te o chei - ro na mão.



32. Ó MINHA AMORA MADURA

LG p.216

Origem: Pt.

Ó minha amora madura,
diz-me quem te amadurou:
foi o sol e a geada
e o calor que ela apanhou.

E o calor que ela apanhou,
debaixo da silveirinha:
ó minha amora madura,
minha amora madurinha.

LG

Alegre

Ó mi - nha a - mo - ra ma - du - ra,
diz - me quem te a - ma - du - rou: ____ rou: ____ foi o
sol e a ge - - - a - da e o ca -
lor que e - la a - pa - nhou, ____ foi o nhou.



33. NÃO QUERO QUE VÁS À MONDA

LG p.168

Origem: *Caridade (Alentejo), Pt.*

Não quero que vás à monda,
nem à ribeira lavar,
só quero que me acompanhes
no dia em que me eu casar.

No dia em que me eu casar,
hás-de ser minha madrinha;
não quero que vás à monda,
nem à ribeira sozinha.

Andas morta por saber
onde eu passo os meus serões:
na venda das vendedeiras,
encostadinho aos balcões.

Adeus, ponte de Marvão,
Adeus, varge^{*} do Xerez,
já me disseste o não,
ainda ateimo outra vez.

* Varge: vargem, varja ou várzea.

LG

56 D Em F#m G

Não que - ro que vás à mon - da, nem

5 D G A7 D

à ri - bei - ra la - var, só

9 D Em F#m

que - ro que me a - com - pa - nhes só que -

12 G A#dim Bm

ro que me a - com - pa - nhes no

15 Em A7 D

di - a em que me eu ca - - - sar.

34. CORO DAS MAÇADEIRAS

GS p.3

Origem: Póvoa de Lanhoso, Pt.

Este linho é mourisco,
a fita dele namora;
quem aqui não tem amores
tire o chapéu, vá-se embora!
-Estrilho-

Ai, lá-li-la! Ai, lá-li-la
ai, la-li-la-ló
meu bem!
Regala-te, ó meu amor
regala-te, e passa bem!

O minha mãe dos trabalhos,
para quem trabalho eu?
Trabalho, mato meu corpo,
não tenho nada de meu.
-Estrilho-

Maçadeiras lá de baixo,
maçai-me o meu linho bem;
não olheis para o portelo,
que a merenda logo bem.?
-Estrilho-

GS

72 Gm C Dm

Es - te li - nho é mou - ris - co, a fi -

3 F A7 Dm

ta de - le na - - - mo - - - ra;

5 Gm C Dm

quem a - qui não tem a - mo - res ti - re o

7 F A7 Dm

cha - péu, vá - - - se em - - - bo - - - ra.

9 Gm C Dm

Ai, lá - li - la! ai, la - li - la! ai, la -

11 F A7 Dm

li - la - lo, meu bem!

13 Gm C Dm

re - ga - la - te, ó meu a - mo - r(e), re - ga -

15 F A7 Dm

la - te e pa - - - sa bem!



35. ALECRIM

GS p.44

Origem: Pt.

Alecrim, alecrim amado,
que nasces no monte
sem ser semeado.

-*Estribilho*-

Meu amor
quem te disse a ti
que a f(e)lor do monte
era o alecrim.

Alecrim, alecrim querido,
que vives no monte
acaso esquecido.

-*Estribilho*-

Alecrim, alecrim aos molhos;
por causa de ti
choraram meus olhos.

-*Estribilho*-

GS

♩ = 69

D D#dim Em A7

A - le - crim, a - le - crim a - ma - do, que na - sces no

Em A7 D

3 mon - te sem ser se - me - - a - do.

D7 G A7 F#m B7

5 Meu a - mor quem te di - sse a ti que a f(e) - lor do

Em A7 D D7 D

8 mon - te e - ra o a - le - crim. Meu a crim.





36. CARRO AMERICANO

GS p.45

Origem: Vila do Conde/Póvoa de Varzim, Pt.

Mariana é baixinha, lindo bem!

Traz a saia pela lama;

tenho dito mil(e) vezes:

- ergue a saia, Mariana!

-Estrilho-

Ó ai! Ó ai! Ó ai, meu bem,

o carro *amaricano*

vai para a Póvoa sem ninguém.

Mariana diz que tem, lindo bem!

Sete saias de fustão,

que lhas deu um caixeirinho,

da gaveta do patrão.

-Estrilho-

GS

Ma - ri - a - na é bai - xi - nha, lin - do bem!

Traz a sai - a pe - la la - ma; te - nho

di - to mi - l(e) ve - zes: er - gue a sai - a, Ma - ri - a - na! Ó

ai! ó a - i! ó ai, meu bem, o

ca - rro a - ma - ri - ca - no vai para a Po - voa sem nin - guém.



37. Ó AI, Ó LINDA!

GS p.49

Origem: Póvoa-de-Lanhoso/Porto, Pt.

Ó oliveira da serra,
o vento te leva a flor;

Ó ai! ó linda!
Ó meu amor!
Hás de ser minha
seja ele quando for.

Só a mim ninguém me leva
para a beira do meu amor!

Ó ai! ó linda!
Ó meu amor!
Hás de ser minha
seja ele quando for.

Ó ai! ó linda!
Ó minha joia!
anda comigo,
vamos ambos para a ramboia.

GS

80

D D#dim Em G A7 D

Ó o - li - vei - ra da se - rra, o ven - to te le - va a flor,

5 Em A7 D Bm

ó ai! ó lin da, ó meu a - mor, há s de ser

G A7 D 1 D 2

mi - nha, se - ja e - le quan - do for. Ó ai! ó for.



38. FERREIRINHO

GS p.66

Origem: Guimarães, Pt.

Ferreirinho, guarda a filha,
não a deixes à janela;
senão vem o garotinho
que te quer fugir com ela.

Ora vai tu, vai tu, vai ela!
Olaré vai tu, vai tu, vai ela!

Ferreirinho, bate, bate,
bate-me esse ferro bem;
tem cuidado com a filha
não ta vá roubar alguém.

GS

Fe-rrei - ri - nho guar da a fi-lha, não a dei-xes à ja - ne-la. Se-não O-ra vai
vem o ga - ro - ti-nho que te quer fu-gir com e-la.

tu, vai tu, vai e - la! O - la - ré vai tu, vai tu, vai e - la!



39. DOM SOLIDÃO

GS p.94

Origem: Pt.

Na estrada de Braga,
dom solidão,
perdi um dedal;
agora digamos:
dom solidão,
- viva Portugal!

Na estrada de Braga
perdi uma flor;
agora digamos:
dom solidão,
- viva o meu amor.

Na estrada de Braga,
perdi uma fita;
agora digamos:
dom solidão,
- viva a D. Rita!

Na estrada de Braga,
perdi uma agulha;
agora digamos:
dom solidão,
- viva a D. Júlia!

Na estrada de Braga
perdi um anel;
agora digamos:
dom solidão,
- viva D. Miguel!

GS

88 D F#m Em A7

Na es-tra - da de Bra - ga, dom so - li -

3 D E7 A7

dão, per - di um de - - dal;

5 G A7 D F#m

a - go - ra di - ga - - mos: dom so - li -

7 G A7 D

dão, vi - va Por - tu - gal!



40. CANTO DAS VINDIMAS

GS p.105

Origem: Ponte de Lima e arredores de Viana, Pt.

Vós dizeis: aparta, aparta
o vinho tinto do branco;
também a mim me apartaram
de quem eu gostava tanto.

-Estribilho-

Chora, videira, ó videirinha!
Chora, videira, ó prenda minha!

A videira sempre chora
quando a corta o podador;
também eu tenho chorado
com penas do meu amor.

-Estribilho-

GS

♩=80

D F#m G A D

Vós di - zeis: a - par - ta a - par - ta o vi - nho tin - to do bran - co;
tam - bém a mim me a - par - ta - ram de quem eu gos - ta - va tan - to.

5 D F#m D#dim Em

Cho - ra, vi - dei - ra, ó vi - dei - ri - nha!

9 A7 G A7 D

cho - ra, vi - dei - ra, ó pren - da mi - nha!

41. Ó MÉLIA

GS p.106

Origem: Pt.

A mãe chamou por Amélia,
mas Amélia não está;
Ó Mélia!
Ó Mélia, meu amor
bem já!

Ó Amélia, vem-te embora,
volta depressa para cá!
Ó Mélia!
Ó Mélia!
Ó Mélia, meu amor,
bem já!

Se te demoras, Amélia,
a tua mãe que dirá?
Ó Mélia!
Ó Mélia!
Ó Mélia, meu amor,
olá!

GS

66 D D Maj7 Bm D

A mãe cha - mou por A - mé - li - a, mas A -

3 Em E7 A7

mé - - - lia não es - - - tá;

5 G A7 D Bm

Ó Mé - li - a! ó Mé - li - a! ó

8 F#m Em A7 D

Mé - lia, meu a - mor, bem já!



42. FANDANGO

GS p.137

Origem: Ponte de Lima, Pt.

Quatro castanhas assadas,
duas pingas de aguapé,
quatro beijos duma moça,
fazem pôr um velho a pé.

132

D Em

Qua - tro cas - ta - nhas a - ssa - das, du -

5 A7 D

as pin - gas de a - gua - pé,

9 D F#m G

qua - - - tro bei - jos dum - a mo - ça fa - zem

14 A7 D

pôr - um vc - lho a pé.



43. VERDE GAIO

GS p.146

Origem: Pt.

Hei de cantar, hei de rir(e),
hei de ser muito alegre,
hei de mandar a tristeza
para o demo que a leve.
-Estribilho-

Verde gaio, verde gaio,
verde guito!
Agora que vaia ao meio
o rapaz do casaquito.

O meu amor quer que eu tenha
juízo, capacidade;
tenha ele, que é mais velho,
eu sou de menor idade.
-Estribilho-

GS

♩ = 72

Bm F#m

Hei de can - tar, hei de ri - r(e), hei de
man - dar a tris - te - za, hei de

3 Bm F#m D Bm A7 Bm

can - tar hei de ri - r(e), hei de ser mui - to a - le - gre, hei de
man - dar a tris - te - za, pa - ra o de - mo que a le - ve, pa - ra o

7 F#m A7 Bm A7 D

1 2

ser mui - to a - le - gre, Hei de Ver - de
de - mo que a le - ve.

11 Bm F#m

gai - o, ve - de gai - o, ver - de - gui - to! ver - de

13 Bm F#m D

gai - o, ver - de - gai - o, ver - de - gui - to! a - go -

15 Bm A7 Bm F#m A7 Bm D

ra que vaia ao mei - o o ra - paz do ca - sa - qui - to, a - go -

19 Bm A7 Bm F#m A7 D

ra que vaia ao mei - o, o ra - paz do ca - sa - qui - to.



44. GALINHA QUE TANTO VALES

CS p.31 nº 146

Origem: Ponte Vedra, Gz.

Galinha que tanto vales
meterei-te no convento,
para que cregos e frades
estejam todos *contentos**.

Já me dão pela cabeça
as rendas duma marquesa,
ainda não estou *contento*,
pinto fora e galo dentro.

Já me dão pelo pescoço,
um cabalo com seu moço,
ainda não estou *contento*
pinto fora e galo dentro.

Já me davam pelas plumas
cinco papéis de agulhas,
ainda não estou *contento*
pinto fora e galo dentro.

Já me davam pelas patas
quatro cargas de batatas,
ainda não estou *contento*
pinto fora e galo dentro.

* Contentes.

GS

Dm C B \flat C Dm

Ga - li - nha que tan - to va - les me - te - rei - te no con - ven - to,

³ Dm Am B \flat C B \flat Dm

pa - ra que cre - gos e fra - des es - te - jan to - dos con - ten - tos.



Texto alternativo: LEITE DE VASCONCELOS,
José 1975 *Cancioneiro popular português* v. I
[Univ. de Coimbra; Coimbra]
p.62

A minha galinha pinta
põe três ovos ao dia;
se ela pusera quatro,
que dinheiro não faria!

Já me davam pela cabeça
uma vaquinha moresca;
já me davam pela crista
uma vaquinha mourisca;
já me davam pelo bico
a renda do senhor bispo;
já me davam pela língua
a cidade de Coimbra;
já me davam pelo pescoço
uma dama com seu moço;
já me davam pelo papo
rasa e meia de tabaco;
já me davam pela moela
uma vaquinha moirela;
já me davam pelo coração
a renda de São João;
já me davam pelas tripas
duas feixadas de fitas;
já me davam pelo rabo
um cavalo enfreado;
já me davam pelas asas
na ribeira, umas casas;
já me davam pelas pernas

duas vaquinhas morenas;
já me davam pelas pernas
umas meias amarelas;
já me davam pelas unhas
cento e meio de agulhas;
já me davam pelo corpo
toda a cidade do Porto;
já me davam pelo ril
um porráo de sahil.
Galinha que vale tanto
vai-se levar ao convento,
para que as freiras digam:
chô para fora... chô para dentro.



45. CHAMASTE-ME MORENINHA

UF p.28

Origem: Gz.

Chamaste-me moreninha,
Champinha* vai-te lavar(e),
dizem que não tenho amores,
ainda tos hei de emprestar(e).

UF

Maestoso

Cha - mas - te - me mo - re - ni - - nha,
cham - pi - nha vai - te la - va - r(e), di
zen que não te - - - nho a - mo - - - res,
ain - da tos hei de em - - - pres - ta - r(e). Ay,
la la la la la la

* s. m. || (prov. port.) pobretana; homem fraco e pobre) in http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital



46. AI DE MIM...

Música: BGa p.54 nº122

Letra: BLANCO, Domingo 1992 A poesia

popular en Galicia 1745-1885 V.II [Xerais; Vigo]

Origem: Gz.

Ai de mim, que já não posso!
ai de mim, que já não sei!
ai de mim, que já não posso
ai, cantar como já cantei!

BGa

Ai de mim, ai que já não po - sso! ai de
mim, ai que já não sei! ai de
mim, ai que já não po - sso, ai can -
tar co - mo já can - tei! Ai la
la la la, ai la la la la, ai la
la la la, ai la la la, la, la,



47. OLHA-ME MIGUEL

v. AC p.48 nº14

Origem: *Dúas Igrejas/Póvoa, Pt.*

Olha-me Miguel,
como estou de bonitinha,
saia de burel,
camisinha de estopinha.

Tenho três meninas,
não tenho que lhes dar(e),
ponho-me a cantar,
e a ensiná-las a bailar(e).

Baila, Pedro baila
senhora quero pão!
Baila mais um pouco,
que logo to darão.

Tenho três ovelhas,
mais uma cordeira,
quero-me casar
e não acho quem me queira.

Eu vi vir a gaita,
o gaiteiro não,
ai que pena tenho
no meu coração!

AC

D A7 D

O - lha - me Mi - guel, co - mo es - tou de bo - ni - ti - nha,

A7 D

sa - ia de bu - rel, ca - mi - si - nha de es - to - pi - nha.

D

Te - nho três me - ni - nas, não te - nho que lhes da - r(e),

A7 D

po - nho - me a can - tar, e a en - si - na - las a bai - la - r(e).



48. A CASTANHA NO OURIÇO

DSc p.83 nº 46

Origem: O Arroio, Parada, Ordes. Gz.

A castanha no ouriço
quis rir e rabeou,
caiu do castanho abaixo
olha que pago levou.

A castanha sabe bem
o vinho vai-se bebendo
o carinho vai entrando
a honra vai-se perdendo.

DSc

♩ = 126

D G A7

A cas - ta - nha no ou - ri - ço quis _____

3 G D

rir e ra - be - ou, ca - iu

5 Bm A7

do cas - ta - nho a - bai - xo o - lha

7 G A7 D

que pa - go le - vou.



49. TOCADORA DO PANDEIRO

COu p.37

Origem: Espinheiro, Avião, Gz.

Tocadora do pandeiro
dá-lhe que haja uma cantada,
dá-lhe com a mão esquerda
que a direita não val[e] nada.

O carvalho da Portela
tem a folha revirada
que lha revirou o ar
numa manhã de geada.

A foliada vai boa,
ela não vai de perder(e),
quem não tem amores nela
desejara de os ter(e).

COu

D A7 D A7

To - ca - do - ra do pan - dei - ro,
dá - lhe com a mão es - quer - da,

5 D F Gm A7 A

1 2

dá - lhe que ha - ja um - a can - ta - da,
que a di - rei - ta não va-l[c] na - da.

10 G D A7 D

Ai la la la la ai la la la.



50. MENINA PENTEIA O TEU PELO

UF p.74

Origem: Gz.

Penteia o pelo
penteia-o bem,
e pilha o cacho
que te está bem,
que te está bem,
que te está bem,
penteia o pelo
já o vou pentear.

Menina penteia o teu pelo
não sejas tão preguiçosa,
que o pelinho bem penteado
é a gala de uma moça.

UF

Allegro

Pen - tei - a o pe - lo pen - tei - a-o bem, c pi - lha o
ca - cho que te es - tá bem, que te es - tá bem, que
te es - tá bem, pen - tei - a o pe - lo, já o vou pen - te-ar.
Me - ni - na pen - tei - a o teu pe - lo não se - jas tão
pre - gui - ço - - - sa, que o pe - li - nho
bem pen - te - a - - - do é
a ga - la de u - ma mo - - - ça, é
a ga - la de u - ma mo - - - ça, é
a ga - la de u - ma mo - - - ça.



51. O PANDEIRO E MAIS AS CONCHAS

CS p.11 nº52

Origem: Ribeiro, Gz.

O pandeiro e mais as conchas,
Maria, minha Maria,
o pandeiro e mais as conchas
tiram a melancolia.

CS

Agitado ^D [>] ^{Em}

O pan - dei - ro e mais as con - chas,
Ma - ri - a, mi - nha Ma - ri - a,
o pan - dei - ro e mais as con - chas ti - ram
a me - lan - co - - - li - - - a.



52. EU CASEI-ME POR UM ANO

BGa p.114 nº266

Origem: Viana do Bolo, Gz.

Eu casei-me por um ano
por saber que vida era;
o ano vai-se acabando
solteirinha quem me dera!.
A minha avoinha
por noitar* no moinho,
anda enfarinhada,
morrendo com o frio;
morrendo com o frio
quando vai geada,
a minha avoinha
mete-se na cama.

BGa

Dm Gm Dm

Eu ca-sei-me por um a - no, por sa-ber que vi-da e - ra;

5 Gm C A7 Gm F A7 Dm

o a - no vai-se a - ca - ban-do, sol - tei - ri - nha quem me de - ra!

9 Gm C A7 Gm F A7 Dm

sol - tei - ri - nha quem me de-ra! Ai le le lo, ai la la - la. A mi-nha a-vo -

13 Dm Gm Dm

i - nha, por noi - tar no moi - nho, an - da en - fa - ri -

17 Gm A7 Dm

nha - da, mo - rren - do com o fri - o; mo - rren - do com o

21 Gm Dm

fri - o quan - do vai ge - a - da, a mi - nha a - vo -

25 Gm A7 Dm

i - nha me - te - se na ca - - - ma.

* Pop. por pernoitar.

 BGa

Origem: Gz.

Ai la la la la...

Se - que - res o de - sa - fi - o

pe - la pon - ta da na - va - lha,

se que - res o de - sa - fi - o,

ne - na da ca - ra la - va - da. Ai

la ai la ai la ai la ai

la la la la la la la la

la la la la la Ai la.



54. A SAIA DA CAROLINA

v. *DSd* p.82 nº1

Origem: Gz

LEITE DE VASCONCELOS, José 1975 *Cancioneiro popular*

português v. I

[Univ. de Coimbra; Coimbra]

p.116.

A saia da Carolina

Tem um lagarto pintado:

Tem cautela, Carolina,

Que ele já bole com o rabo!

A moda da Carolina

quem a havia de inventar!

a folha do limoeiro,

está à sombra, tem vagar.

Ó ai, Carolina, ó ai!

Ó ai, Carolina, olé!

Vamos dar a meia volta,

Vira agora, que é maré.

Ó ai, Carolina, ó ai!

A folha de lata cai!

Se te agradam os meus olhos,

Vai-os pedir a meu pai.

DSd

D

A sa - ia da Ca - ro - li - na
tem cau - te - la, Ca - ro - li - na,

4 A7 D 1. 2.
tem um la - gar - to pin - ta - do: Bai -
que e - le já bo - le com o ra - bo.

9 D
las - te Ca - ro - li - na? Bai - lei, sim se - nhor. Diz -

13 A7
me com quem bai - las - te. Bai - lei com o meu a - mor, bai -

17 D
lei com o meu a - mor, bai - lei com o meu a - mor. Bai -

21 A7 D
las - te Ca - ro - li - na? Bai - lei, sim se - nhor.



TEXTO ALTERNATIVO: Tradicional galega.

A saia da Carolina
tem um lagarto pintado;
quando a Carolina baila,
o lagarto dá-lhe ao rabo.
Bailaſte Carolina?
Bailei, sim senhor.
Diz-me com quem bailaſte.
Bailei com o meu amor
Bailaſte Carolina?
Bailei, sim senhor.
A Carolina é uma tola
que todo o faz ao revés,
veste-se pela cabeça
e despe-se pelos pés.
Bailaſte Carolina?
Bailei no quartel.
Diz-me com quem bailaſte.
Bailei com o coronel
Bailaſte Carolina?
Bailei, no quartel.
O senhor cura não baila
porque tem uma coroa.
Baile, senhor cura, baile,
que Deus todo lho perdoa.
Bailaſte Carolina?
Bailei, abofé.
Diz-me com quem bailaſte.
Bailei com o meu José
Bailaſte Carolina?
Bailei, abofé.
No curro da Carolina

não entra carro fechado,
só entra a Carolina
com o seu cocho pelo rabo.
Bailaſte Carolina?
Bailei, si senhor.
Diz-me com quem bailaſte.
Bailei com o meu amor.
Com o teu amor, Carolina,
não volvas a bailar,
porque te levanta a saia
e é muito má de baixar.



55. CANTO DA AROUSA

DSa v. IU, p.93 69b

Origem: Ilha de Arousa, Gz.

O gaiteiro de Saiar
foi tocar a Redondela,
deixou a gaita em Ogrove
e agora chora por ela.

E vende-me os bois
e vende-me as vacas
e não me vendas
A cunca das papas,
vende-me a cunca
e mailo cunheiro
e não me vendas
o meu tabaqueiro.

DSa

Dm F A7 Gm Dm
O gai - tei - ro de Sa - iar — foi to - car a Re - don - de - la,
6 Dm C Gm A7
dei - xou a gai - ta em O - gro - ve e a - go - ra cho - ra por e - la.
11 Dm Am
E ven - de - me os bois e ven - de - me as va - cas
ven - de - me a cun - ca e mai - lo cun - quei - ro
14 Gm C A7
e não me ven - das a cun - ca das pa - - pas,
e não me ven - das o meu ta - ba - quei - - ro.



56. PELO FERROLHO DA PORTA

DSc p.87 nº15

Origem: Gz.

Pelo ferrolho da porta
matar as pulgas te eu vim,
e no melhor, mau raio!
morreu-te a luz do candil.

Ai! minha Maruja,
que coisas te eu vi.

DSc

Dm C A7 Dm

Pe - lo fe - rro - lho da por - ta ma - tar as pul - gas te eu vi, e

5 C A7

no me - lhor, ma - u ra - io! mo - rreu - te a luz do can -

8 Dm A7 Dm A7 Dm D.C.

dil. Ai! mi - nha Ma - ru - ja, que coi - sa te eu vi.



57. MANEIO

ÍZ p.47 nº XLII

Origem: Gz.

Baila nena, baila nena
e não pares de bailar(e),
que as estrelas também bailam
sem perder seu alumiar(e).

Eia, eia graciosa,
sem perder seu alumiar(e).

Como se rabeiam as trutas na água
assim se meneia teu corpo, engraçada,
como se rabeiam as trutas no rio
assim se meneia teu corpo florido.

ÍZ

Allegro

Bai - la ne - na, bai - la ne - - - na
que as es - tre - las tam - bém bai - - - lam

e não pa - res de bai - la - r(e),
sem per - der seu a - lu - mia - r(e).

Ei - a, ei - a gra - ci - o - sa,

sem per - der seu a - lu - miar(e).

Co - mo se ra - bei - am as tru - tas na á - - gua
co - mo se ra - bei - am as tru - tas no ri - - - o

a - ssim se ra - be - ia teu cor - po, en - gra - ça - da,
a - ssim se me - ne - ia teu cor - po flo - ri - do.



58. MEU AMOR NA CAMA

MU p.113 nº XIV

Origem: Gz.

À sombra dum limoeiro
pus-me a considerar(e)
o pouco que vale um homem
quando não tem já que dar(e).
-Estribilho-

Meu amor na cama
não o posso ir ver;
ai, Jesus, que morre!
Ai, que vai morrer!
-Estribilho-

Se queres falar comigo,
olvida amorios velhos,
que mal se olha uma cara
a um tempo em muitos espelhos.
-Estribilho-

Em que te sou moreninha
não te me pesa por *esso*;
na feira tudo se vende,
cada coisa no seu preço.
-Estribilho-

Castanha dá o castinheiro
o carvalho, landra soa;
cada um dá do que tem,
segundo é a pessoa.
-Estribilho-

A moinheira, que bem baila
aquele garrido rapaz...!
Ê-te Gepe da Currela,
o filho do sacristão.
-Estribilho-

Minha mãe, não me caseis
com homem que viuvasse,
que eu não quero criar pitos
que outra galinha chocasse.
-Estribilho-

Chamaste-me moreninha;
branquinha, vai-te lavar;
dizes que não tenho amores;
ainda tos posso emprestar.
-Estribilho-

Tiros ouço naquele monte;
devem de andar caçadores:
não há fiança nos homens,
nem mormente nos senhores.
-Estribilho-

MU

Allegretto

A som - bra do li - mo - ei - ro pus -
me a con - si - de - ra - r(e) o pou -
co que va - le um ho - mem, quan - do
não - tem já que da - r(e). Meu a - mor na
ca - ma não o po - sso ir ver ai Je - sus que
mor - re!, ai que vai mor - rer! Meu a - mor na - rer!



59. ESTES MOÇOS DE AGORA

CN v.I, p.38 nº19

Origem: Porto Alegre, Br.

Estes moços de agora
já não sabem mais amar,
fazem tudo quanto podem
para as moças enganar.

Ah! Ah! Ah!

Bandalheiros inconstantes,
só querem pagodear;
namoram a todas elas
para o seu tempo passar.

Ah! Ah! Ah!

Estes moços de agora
só desejam especular,
procuram só moças ricas
para má vida lhes dar.

Ah! Ah! Ah!

Estes moços de agora
só nos querem enganar,
façamos nós outro tanto
para a tábua todos dar.

Ah! Ah! Ah!

Estes moços de agora
sentimentos já não têm,
fazem-nos promesas falsas
dizendo que querem bem.

Ah! Ah! Ah!

Estes moços de agora
o seu prazer é mentir,
fingem tudo quanto podem
para melhor conseguir.

Ah! Ah! Ah!

Estes moços de agora
a vergonha já perderam,
da ronha e da maldade
já todo o suco beberam.

Ah! Ah! Ah!

Estes moços de agora
não merecem compaixão,
uns entes tão abjetos
devem estar na correção.

Ah! Ah! Ah!

CN

Vivo D A 7 D

Es - tes mo-ços de a - go - ra, já não sa - bem mais a - mar, es - tes

5 A 7 D

mo - ços de a - go - ra já não sa - bem mais a - mar, fa - zem

9 G D

tu - do quan - to po - dem pa - ra as mo - ças en - ga - nar. Ah! ah!

13 G D A D

ah! ah! ah! ah! ah! ah! pa - ra as mo - ças en - ga - nar.



60. MARINHEIRO

CN v.I, p.82 nº42

Origem: Penacova, Pt.

De aqui ao Porto é longe,
não chegam lá meus sentidos;
quando eles lá chegarem
irão mais mortos que vivos.

Escrevi teu lindo nome
na branca areia do mar,
vieram as tristes ondas
com o teu nome navegar.

Sou marinheiro,
nasci no mar;
quando as ondas
me vêm beijar,
digo altivo,
rindo também:
-Beijos das ondas
são beijos de mãe.

Eu fui ao mar buscar lume,
embarquei numa faísca;
namorei-me dos teus olhos
logo á primeira vista.

Os peixes viver não podem
separados da água fria;
eu também viver não posso
sem a tua companhia.

CN

Andantino

De a-qui ao Por-to é lon-ge, não che-gam lá meus sen-ti-dos;
quan-do e-les lá che-ga-rem, i-rão mais mor-tos que vi-vos.
Sou ma-ri-nhei-ro, nas-ci no mar; quan-do as
on-das me vêm bei-jar, di-go, al-ti-vo, rin-do tam-
bém: bei-jos das on-das são bei-jos de mãe.



Ó castelo não te rendas
deita bandeira se queres;
no combate dos amores
quem vence são as mulheres.

Atirei ao verde verde,
atirei ao verde mar,
atirei com meus sentidos
onde puderam cegar.

Coitadinho de quem tem
seu amor além do rio;
quer-lhe falar e não pode,
do coração faz navio.

Se eu soubera ler no mar
lera no teu interior;
via no teu coração
se ainda me tens amor.

Sou marinheiro
olé que eu sou,
que é da barquinha
que se afundou?
Que se afundou,
aonde andarás?
lá no mar alto
se encontrará.

Ó menina tenha alento
como as areias do mar;
que estes rapazes de agora
de nada se vão gabar.

Já passei o mar a nado
nas ondas do teu cabelo...
agora posso dizer
que passei o mar sem medo.

Pelo cantar da sereia
se perdem os navegantes;
perdem-se as mães pelos filhos,
as damas pelos amantes.

Já passei o mar a nado,
a nado como uma enguia;
mais vale não ter amores,
do que passar por água fria.

Corri todo o mar à roda,
com uma vela branca acesa;
em todo o mar achei fundo,
só em ti pouca firmeza.



61. NÓS ATRÁS DAS MOÇAS

CN v.I, p.278 nº142

Origen: Oliveira de Cunheda, Pt.

Dançai, raparigas,
dançai, ó formosas,
ó que linda é esta roda
de botões de rosas.

Nós atrás das moças,
elas aos saltinhos;
ai Jesus que eu já não posso
com tantos carinhos.

Ao passar a ponte,
tomai bem cautela,
que o amor está pescando
por debaixo dela.

Nós atrás das moças,
elas a saltar;
ai Jesus que eu já não posso
com tanto amar.

No calor da festa,
lindas raparigas,
olhai lá tomai cautela
não percais as ligas.

Nós atrás das moças,
elas a correr,
ai Jesus que eu já não posso
com tanto bem querer.

Meus ais, meus suspiros,
confiam ao vento
os segredos do meu peito,
o meu pensamento.

Nós atrás das moças,
elas com desdém,
ai Jesus q ue eu já não posso
querer mais ao meu bem.

Se tu desses fé
do meu suspirar,
o coração te diria
quem te sabe amar.

Nós atrás das moças,
elas a saltar,
ai Jesus que eu já não posso
com tanto amar.

Dançai, raparigas,
dançai, meus amores,
este mundo é um jardim
e vós sois as flores.

Nós atrás das moças
elas aos saltinhos,
ai Jesus que eu já não posso
com tantos carinhos.

CN

Allegretto

Dan - çai, ra - pa - ri - gas, dan - çai, ó for - mo - sas, dan - çai, ra - pa -
ri - gas, dan - çai ó for - mo - sas, ó que lin - da é es - ta ro - da de bo - tões de
ro - sas, ó que lin - da é es - ta ro - da de bo - tões de ro - sas.



62. RAPAZES, MENINOS

MG nº115, p.152

Origem: Lisboa, Pt.

Rapazes, meninos,
fazem desatinos
e bebem os vinhos
na venda, senhor.

Nizas e casacos,
capas e capotes
entornam aos potes
na venda, senhor.

Soldados, paisanos,
mulheres, raparigas
bebem jeropigas
na venda, senhor.

Também o Quintela
com fama de rico,
vai molhar o bico
na venda, senhor.

Até o sacristão,
gordinho e contente,
emborca aguardente
na venda, senhor.

Veem-se os fradinhos
com o seu cantochão,
ir ao canjirão
na venda, senhor.

E mesmo os Almeidas,
que são figurões,
bebem aos tostões,
na venda, senhor.

Freiras e frades
repicam os sinos,
e bebem dos finos
na venda, senhor.

De manhã e à noite,
vinho ou aguardente,
bebe toda a gente
na venda, senhor.

MG

D F#m Em

Ra - pa - zes, me - ni - nos, fa - zem de - sa - ti - nos e

G A A7 D

be - bem os vi - nhos na ven - da, se - nhor.



63. Ó TERESA

UM nº 60

Origem: Natal, Br.

Você gosta de mim, ó Teresa,
eu também de você, ó Teresa,
vou pedir a teu pai, ó Teresa,
para casar com você, ó Teresa.

Se ele disser que sim, ó Teresa,
tratarei dos papéis, ó Teresa,
se ele disser que não, ó Teresa,
morrerei de paixão, ó Teresa.

UM

Dm

Vo - cê gos - ta de mim, ó Te - re - sa,
Se e - le dis - ser que sim, ó Te - re - sa,

3 Gm

eu tam - bém de vo - cê, ó Te - re - sa,
tra - ta - rei dos pa - péis, ó Te - re - sa;

5 C Dm

vou pe - dir a teu pai, ó Te - re - sa,
se e - le dis - ser que não, ó Te - re - sa,

7 Gm Dm

para ca - sar com vo - cê, ó Te - re - sa.
mor - re - rei de pai - xão, ó Te - re - sa.



64. PANDEIRADA DE TELHA

v. *DG*

Origem: Gz.

Venho do lugar de Telha
de ver uma telheana,
que me roubou o coração
e se me meteu na alma.

O pandeiro tem a culpa
o pandeiro tem-na toda,
o pandeiro tem a culpa
que lhe dão e que não soa.

DG

Allegro

Ve - nho do lu - gar de Te - lha
de ver u - ma te - lhe - a - na,
que me rou - bou o co - ra - ção - (e)
e se me me - teu na al - ma.
que me rou - bou o co - ra - ção - (e)
e se me me - teu na al - ma. Ai la
la ai la la ai la le lo ai la
la la ai la la ai la
la ai la le lo ai la la la.

 $\mathcal{D}G$ $\mathcal{D}G$

Origem: Gz

O pandeiro quando toca
as penas faz olvidar(e),
aos velhos dá-lhe alegrias
e aos novos faz-nos bailar(e).

Ai la le lo
Ai la le lo...

Allegro

O pan-dei-ro quan-do to-ca as pe-nas faz ol-vi-da-r(e),

aos ve-lhos dá-lhe a-le-gri-as e os no-vo-s faz-nos bai-la-r(e).

Ai la le lo ai la le lo ai la le lo ai la la la, _____ ai la

le lo ai la le lo ai la le lo ai la la la, _____ ai la

le lo ai la le lo ai la le lo ai la la la,

ai la le lo ai la le lo ai la le lo ai la la la,

ai la le lo ai la le lo ai la la la.



66. CANTIGA Nº II

Cantiga de Martim Codax, segundo versão de Manuel Pedro Ferreira.

Mandad'ei comigo,
ca ven meu amigo.
E irei, madr' a Vigo!

Comigo'ei mandado,
ca ven meu amado.
E irei, madr' a Vigo!

Ca ven meu amigo
e ven san' e vivo.
E irei, madr' a Vigo!

Ca ven meu amado
e ven viv' e sano.
E irei, madr' a Vigo!

Ca ven san' e vivo
e d'el rei amigo.
E irei, madr' a Vigo!

Ca ven viv' e sano
e d'el rei privado.
E irei, madr' a Vigo!

Martim Codax

Man - da - d'ei co - mi - go

ca vem meu a mi go,

E i - rei, ma dr',a Vi go!

67. SANTA MARIA, 'STRELA DO DIA

ℒ p.296

Santa Maria,
'strela do dia,
mostra-nos via
pera Deus e nos guia.

Ca veer faze-os errados
que perder foram per pecados
entender de que mui culpados
son; mais per ti son perdoados
da ousadia
que lhes fazia
fazer folia
mais que non deveria.

Santa Maria...

Amostrar-nos deves carreira
por gâar en toda maneira
a sem par luz e verdadeira
que tu dar-nos podes senlheira;
ca Deus a ti a
outorgaria
e a querria
por ti dar e daria.

Santa Maria...

Guiar bem nos pod' o teu siso
mais ca rem pera Parayso
u Deus tem sempre goy' e riso
para quem en el creer quiso;
e prazer-m-ia
se te prazia
que foss' a mia
alm' em tal companhia.

Santa Maria...

ℒ

San - ta Ma - ri - a, 'stre - la do di - a,
mos - tra - nos vi - a pe - ra Deus e nos gui - a.
Ca ve - er - fa - zel - os er - ra - dos
que per - der - fo - ram per pe - ca - dos
en - - - ten - der de que mui - cul -
pa - dos são, mais per - ti são per - do - a - dos
da ou - sa - di - a que lhes fa - zi - a
fa - zer fo - li - a mais que não de - ve - ri - a.



Luys Milan, versão de Bal y Gay.
BGb

Falai, minha amor,
que os faço saber,
senão me falais
que não tenho ser.

Luys Milan, versão de Bal y Gay

Andante

A D E A E A

Fa - lai, mi - nha a - mor,
pois ten - des po - der, fa - lai - - - me, se - ão

A D E A D E A D E A A

me fa - lais, ma - tai - - - me, ma - tai - me. Fa
Pois me.

10 A D E A G D E A

Fa - - - lai, mi - nha a - mor, que os fa - ço sa - ber,
se - - - ão me fa - lais, que não te - nho ser.

69. MELANCOLIA

Música: Enrique Lens Viera.

Letra: Alfredo Brañas Menéndez.

Rouxinol dos campos de Íria,
rola da beira do Sar,
desde que te foste rola
já ninguém sabe cantar,
e os silfos dos nossos souts,
e as ninfas dos nossos vales,
e os bardos da nossa terra
não se fartam de chorar.

Doce pombinha
da pátria minha
rainha das musas
do nosso chão,
fada querida
dos nossos lares,
os teus cantares
não morrerão.

Céus, terra, rios, montes,
flores do galaico éden
rumores dos nossos pinos
tristes e alegres à vez,
um hino de amor cantai
que dos céus através
chegue em espiral sublime
da grã Rosalia aos pés.

Pátria adorada
que bem guardado
tens essa musa
no coração,
ela que rompas
pede as cadeias
em trovas cheias
de inspiração.

Enrique Lens Viera
Alfredo Brañas Menéndez

Dolcissimo e lento.

Rou - xi - nol dos cam - pos de Í - ria, ro - la da bei - ra do Sar, —

des - de que te fos - te ro - la já nin - guém sa - be can - tar,

e os sil - fos dos nos - sos sou - tos e as nin - fas dos nos - sos vales,

e os bar - dos da nos - sa te - rra não se far - tam de cho - rar.

e os bar - dos da nos - sa te - rra não se far - tam de cho -

Piu mosso.

rar. Do - ce pom - bi - nha da pátria mi - nha rai - nha das mu - sas do nos - so

chão, fa - da que - ri - da dos nos sos la - res, os teus can - ta - res não mor re -

rão. fa - da que - ri - da dos nos - sos la - res, os teus can - ta - res não mo - rre - rão.

70. LONGE DA TERRINHA

Música: João Montes

Letra: Aureliano J. Pereira

Longe da terrinha,
Longe do meu lar,
Que morrinha tenho,
Que angústias me dão.

Não te nego a bonitura,
Ceinho desta terrinha,
Ceinho da terra alheia,
quem te me dera na minha!

Ai meu alalá,
quando te ouvirei;
Chousas e searas,
quando vos verei.

São as rosas destes campos
olentes e bonitinhas.
Ai, quem aló te me dera,
mesmo deitado em urtigas!

Longe da terrinha
Que angústias me dão;
Os que vais para ela
Com vós me levai.

João Montes
Aureliano J. Pereira

$\text{♩} = 84$ Dm A7 Dm A7 rit.

Lon - ge da te - rri - nha, lon - ge do meu lar, _____
Ai meu a - la - lá, _____ quan - do te ou - vi - rei; _____

5 Dm a tempo A7 Dm

que mo - rri - nha te - nho, que an - gús - tias me dão. _____ Não te
chou - sas e se - a - ras, quan - do vos ve - rei. _____ São as

9 C F Edim7 C F cres.

ne - go a bo - ni - tu - ra, ce - i - nho des - ta te - rri - nha, ce -
ro - sas des - tes cam - pos o - len - tes e bo - ni - ti - nhas. Ai

13 A7 Dm A7 A#dim A7 poco rit.

i - nho da te - rra a - lhei - a: quem te me de - ra na mi - nha!
quem a - ló te me de - ra, mes - mo dei - ta - do em ur - ti - gas!

17 Dm A7 Dm A7 a tempo

Lon - ge da te - rri - nha que an - gús - tias me dão, _____

21 Dm A7 Dm Eb7 Dm A7

os que vais para e - la com vós me le - vai, os que vais para e - la com vos me le -

25 Dm Eb7 Dm A7 Dm

vai, os que vais para e - la com vos me le - vai. _____





f





Nº	TÍTULO	BIBL.	ORIG.	AUTORES
1	ROSA TIRANA	GS	PT	
2	CANTO DO VALE DE VIVEIRO	CI	GZ	
3	SE SENTES TOCAR A MORTO	CS	GZ	
4	ADEUS	VF	GZ	
5	MONTE REI ESTÁ NUM ALTO	BGa	GZ	
6	FIA MINHA ROCA...	DSb	GZ	
7	NÃO TE NAMORES MENINA	CS	GZ	
8	O AMOR DA COSTUREIRA	BGa	GZ	
9	OS QUE VÊM DE CASTELA	BGa	GZ	
10	NENA QUE GUARDAS O GADO	BGa	GZ	
11	Ó SOLIDÃO	CN	PT	
12	CARRINHO QUE QUANDO CANTAS	BGa	GZ	
13	O CEGO	GS	PT	
14	O CONDE CEGO	DSc	GZ	
15	ALVAS-NEVES	DSc	GZ	
16	BERNALDINO E SABELINHA	CS	GZ	
17	JÃO GUINDÃO	DSb	GZ	
18	A TECEDERA	CS	GZ	
19	A LAVANDEIRA	CS	GZ	
20	ESTANDO DONA FILOMENA	AC	PT	
21	VAMOS INDO, VAMOS INDO	CS	GZ	
22	Ó MENINO, Ó	GS	PT	
23	SONIM VAI	BGa	GZ	
24	PASSARINHOS QUE VOAIS...	BGa	GZ	
25	JOSEZITO	CG	PT	
26	MESTRE ANDRÉ	CG	PT	
27	OS ESCRAVOS DE JÓ		BR	
28	CARANGUEJO	VM	BR	
29	EU TENHO UM CÃOZINHO	COu	GZ	
30	Ó PEÃO!	MG	PT	
31	FUI-TE VER ESTAVAS LAVANDO	LG	PT	
32	Ó MINHA AMORA MADURA	LG	PT	
33	NÃO QUERO QUE VÁS À MONDA	LG	PT	
34	CORO DAS MAÇADEIRAS	GS	PT	

35	ALECRIM	GS	PT	
36	CARRO AMERICANO	GS	PT	
37	Ó AI, Ó LINDA!	GS	PT	
38	FERREIRINHO	GS	PT	
39	DOM SOLIDÃO	GS	PT	
40	CANTO DAS VINDIMAS	GS	PT	
41	Ó MELIA	GS	PT	
42	FANDANGO	GS	PT	
43	VERDE GAIO	GS	PT	
44	GALINHA QUE TANTO VALES	CS	GZ	
45	CHAMASTE-ME MORENINHA	VF	GZ	
46	AI DE MIM...	BGa	GZ	
47	OLHA-ME MIGUEL	AC	PT	
48	A CASTANHA NO OURIÇO	DSc	GZ	
49	TOCADORA DO PANDEIRO	COu	GZ	
50	MENINA PENTEIA O TEU PELO	VF	GZ	
51	O PANDEIRO E MAIS AS CONCHAS	CS	GZ	
52	EU CASEI-ME POR UM ANO	BGa	GZ	
53	SE QUERES O DESAFIO	BGa	GZ	
54	A SAIA DA CAROLINA	v. DSd	GZ	
55	CANTO DA AROUSA	DSa	GZ	
56	PELO FERROLHO DA PORTA	DSd	GZ	
57	MANEIO	IZ	GZ	
58	MEU AMOR NA CAMA	MV	GZ	
59	ESTES MOÇOS DE AGORA	CN	BR	
60	MARINHEIRO	CN	PT	
61	NÓS ATRÁS DAS MOÇAS	CN	PT	
62	RAPAZES, MENINOS	MG	PT	
63	Ó TERESA	VM	BR	
64	PANDEIRADA DE TELHA	v.DG	GZ	
65	PANDEIRADA DE PENALVA	DG	GZ	
66	CANTIGA Nº II			MARTÍM CO-DAX
67	SANTA MARIA, STRELA DO DIA	LE		AFONSO X
68	FALAI, MINHA AMOR	BGb		LUÍS MILAN
69	MELANCOLIA			LENS VIERA
70	LONGE DA TERRINHA			JOÃO MONTES



ÍNDICE POR PAÍSES

BR: Brasil

nº 27,28,59,63

GZ: Galiza

nº 2,3,4,7,5,6,8,10,12,14,15,16,17,18,19,21,23,24,29,44,45,46,48,49,50,51,52,
53,54,55,56,57,58,64,65

PT: Portugal

nº 1,11,13,20,22,25,26,30,31,32,33,34,35,36,37,38,39,40,41,42,43,47,60,61,62.





BIBLIOGRAFIA

AC

CAUFRIEZ, Anne 1997 *Romances du Trás os Montes* [Centre Culturel Calaouste Gulbenkian; Paris]

nº 20 Estando dona Filomena.

nº 47 Olha-me Miguel

BGa

BAL Y GAY, Jesús 1973 *Cancionero gallego* [Fundación Pedro Barrié de la Maza; A Corunha]

nº 5 Monte Rei está num alto

nº 8 O amor da costureira

nº 9 Os que vêm de Castela

nº 10 Nena que guardas o gado

nº 12 Carrinho que quando cantas

nº 23 *Sonim* vai

nº 24 Passarinhos que voais...

nº 46 Ai de mim...

nº 52 Eu casei-me por um ano

nº 53 Se queres o desafio

BGb

BAL Y GAY, Jesús 1939 *Romances y villancicos del siglo XVI: dispuestos en edición moderna para canto y piano* [La Casa de España en México; México]

nº 68 Falai, minha amor

CG

COSTA GOMES, A. coord. 1985 *Colectânea de canções* [Tipografia Oliveira; Braga]

nº 25 Josezito

nº 26 Mestre André

CN

NEVES, César das 1893 *Cancioneiro de músicas populares* [Typographia occidental; Porto]

nº 11 Ó solidão

nº 59 Estes moços de agora

nº 60 Marinheiro

nº 61 Nós atrás das moças



COu

FERNÁNDEZ SENRA, Mariló & FERNÁNDEZ SENRA, Xulio 1997 *Cancionero popular da provincia de Ourense* [Deputación de Ourense; Ourense]

nº 29 Eu tenho um cãozinho

nº 49 Tocadora do pandeiro

CS

SAMPEDRO FOLGAR, Casto 1942 *Cancionero Musical de Galicia* [Diputaciones de las cuatro provincias del Antiguo Reino de Galicia; Madrid]

nº 3 Se sentes tocar a morto

nº 7 Não te namores menina

nº 16 Bernaldino e Sabelinha

nº 18 A tecedeira

nº 19 A lavandeira

nº 21 Vamos indo, vamos indo

nº 44 Galinha que tanto vales

nº 51 O pandeiro e mais as conchas

DG

GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, Daniel 1963 *Así canta Galicia* [La Región; Ourense]

nº 64 Pandeirada de Telha

nº 65 Pandeirada de Penalva

Dsa

SCHUBARTH, Dorothe & Santamarina, Antón 1984-1995 *Cancioneiro popular galego* vol.I-VII [Fundación P. Barrié de la Maza; A Corunha]

nº 55 Canto da Arousa

DSb

SCHUBARTH, Dorothe & Santamarina, Antón 1982 *Cancioneiro galego de tradición oral* [Fundación P. Barrié de la Maza; A Corunha]

nº 6 Fia minha roca...

nº 17 Jão Guindão

DSc

SCHUBARTH, Dorothe & Santamarina, Antón 1983 *Cantigas populares* [Editorial Galaxia; Vigo]

nº 14 O conde cego

nº 15 Alvas-Neves

nº 48 A castanha no ouriço

DSd

B. J. de Juan 1980 *As miñas primeiras palabras en galego* [Lastrasa, editoriales unidas; Lugo] Transcrição das partituras Dorothe Schubarth.

nº 54 A saia da Carolina

nº 56 Pelo ferrolho da porta

GS

SAMPAIO, Gonçalo 1944 *Cancioneiro minhoto* [Livraria Educação Nacional; Porto]

nº 1 Rosa tirana

nº 13 O cego

nº 22 Ó menino, ó

nº 34 Coro das maçadeiras

nº 35 Alecrim

nº 36 Carro *americano*

nº 37 Ó ai, o linda!

nº 38 Ferreirinho

nº 39 Dom Solidão

nº 40 Canto das vindimas

nº 41 Ó melia

nº 42 Fandango

nº 43 Verde gaio

IZ

INZENG, José 1888 *Cantos e bailes de España* [Ed. A. Romero; Madrid]

Edição crítica de PICO ORJAIS, Jose Luís do 2005 *Cantos e bailes da Galiza*. [Difusora das letras; Ourense]

nº 2 Canto do vale de Viveiro

nº 57 Maneio

LE

LÓPEZ ELUM, Pedro 2005 *Interpretando la música medieval. Las Cantigas de Santa María* [Universitat de València; Valencia]

nº 67 Santa Maria, strela do dia



LG

BRANCO WEFFORT, Alexandre (organização) 2006 *A canção popular portuguesa em Fernando Lopes-Graça* [Caminho; Lisboa]

nº 31 Fui-te ver estavas lavando

nº 32 Ó minha amora madura

nº 33 Não quero que vás à monda

MG

GIACOMETTI, Michel 1981 *Cancioneiro popular português* [Círculo de leitores; Lisboa]

nº 30 Ó peão!

nº 62 Rapazes, meninos

MV

VALLADARES NÚÑEZ, Marcial 2010 *Ayes de mi país. O cancionero de Marcial Valladares* [Dos acordes; Baiona] Edição crítica a cargo de PICO ORJAIS, José Luís & REI SANMARTIM, Isabel.

nº 58 Meu amor na cama

VF

VILLALBA FREIRE, Carlos 1976 *Cancioneiro de Galicia* [Editorial Carmona; Madrid]

nº 4 Adeus

nº 45 Chamaste-me moreninha

nº 50 Menina penteia o teu pelo

VM

MELO, Veríssimo de, 1953 *Rondas infantis brasileiras* [Departamento de Cultura; São Paulo] in *Rondas infantis brasileiras. Reunidas por Veríssimo Melo* Jangada do Brasil [Jangada do Brasil; s.n.] pdf alojado em

<http://www.jangadabrasil.com.br/arquivos/index.asp>

nº 28 Caranguejo.

OUTRAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Manuel Pedro 2003 *As cantigas de Martim Codax*

Edição digital da Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes:

<http://bib.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=10923>

LENS VIERA, Enrique s.d. *Malenconia* [Canuto Berea y compañía; Coruña]

LEITE DE VASCONCELLOS, J 1975 *Cancioneiro popular português* [Canuto Berea y compañía; Coruña]

LÓPEZ-CALO, José 1991 *Obras musicais de Juan Montes* [Xunta de Galicia; Santiago de Compostela]



v. 3

VOLUME 1 CANTARES GALEGOS

VOLUME 2 QUEIXUMES DOS PINHOS
E OUTROS POEMAS

